IDENTIDADE E SUBORDINAÇÃO ATIVA: UMA ETNOGRAFIA DOS IMIGRANTES BRASILEIROS NO PORTO

*Igor José de Renó Machado**

Introdução

A intenção deste trabalho é propor uma reflexão sobre processos de subordinação ativa no mundo contemporâneo mediante um exemplo etnográfico específico: o dos imigrantes brasileiros pobres na cidade do Porto, Portugal. Estes processos são aqueles nos quais indivíduos em situação de desigualdade social acabam por recorrer, como forma de sobrevivência econômica, aos mesmos estereótipos que os colocam numa posição inferior numa escala de alteridades. Refiro-me a processos como o vivido pelos imigrantes brasileiros, que acabam por submeter-se a uma representação estereotipada do Brasil e da identidade brasileira para conseguir empregos. Mas este ato de submissão não é puramente um ato de “força representacional” da sociedade receptora da migração, no caso, Portugal. Não é um caso de mera imposição de estereótipos, um tipo de orientalismo (SAID, 1990) com implicações trabalhistas.

Quero demonstrar um mecanismo complexo de submissão aos estereótipos, no qual os sujeitos tiram proveito dessa sujeição às imagens essencializadas. O processo que descrevo a seguir indica de que forma alguns brasileiros têm ganhos significativos com a articulação prática dessas imagens essencializadas de identidade, levando a uma “realização” efetiva dos estereótipos que passam a existir como narrativas identitárias. Ou seja, as imagens essencializadas são utilizadas pelos sujeitos como auto-representação. Essa “encarnação” do estereótipo tem o efeito singular de reforçar a desigualdade inicial da

* Doutor em Ciências Sociais (Unicamp), professor da Universidade Federal de Uberlândia (em processo de transferência para a Universidade Federal de São Carlos), Pesquisador associado ao CEMI (Centro de Estudos de Migrações Internacionais), IFCH/UNICAMP. Endereço: Rua Jorge Lobato, 704, apto 43, Vila Tibério, Ribeirão Preto, SP, 14050110 igorr@unicamp.br; igorreno@yahoo.com.br

condição imigrante desses brasileiros, reforçando seu lugar subalterno. Mas, ao mesmo tempo, a encarnação resulta numa nova distribuição de poder entre os brasileiros, articulando mesmo o nexo central da vida de uma “comunidade” imigrante na cidade do Porto. A subordinação, portanto, resulta na estruturação de um modo de vida. Temos o caso em que a produção de identidades reforça um lugar subalterno e, por isso, um caso de subordinação ativa.

Embora estritamente ligado à etnografia dos brasileiros no Porto, imagino que o processo de subordinação ativa e suas complexas derivantes possam ser úteis para pensar outros contextos sociais. Para além da semelhança com outros casos de subordinação ativa, pode-se refletir sobre o papel desse tipo de processo na ordem atual do capitalismo, como um modelo de construção identitária característico. Estaríamos diante de um modo de perpetuação de desigualdades no seio da produção cultural ativa de populações discriminadas.

O texto seguirá o caminho da etnografia, situando a imigração brasileira no contexto português para, em seguida, analisar mais detidamente a organização coletiva da vida dos brasileiros e sua relação com o que chamo de subordinação ativa.

MIGRAÇÃO E TRABALHO

O campo

As reflexões apresentadas neste trabalho são baseadas no trabalho de campo desenvolvido para a realização da minha tese de doutorado,¹ defendida em julho de 2003. O trabalho de campo foi realizado entre março e outubro de 2000, além de duas outras estadias mais rápidas, a primeira em janeiro e fevereiro de 1998 e a segunda em fevereiro de 2002. Meu recorte espacial circunscreveu uma grande área, uma vez que os brasileiros não se agrupam em lugares específicos da cidade. O centro da pesquisa foi a cidade do Porto, na qual se concentra grande parte das atividades econômicas dos brasileiros, mas os imigrantes moram nas cidades à volta, que poderíamos chamar de “grande Porto”. São elas: Matosinhos, Leça da Palmeira, Vila Nova de Gaia, Maia, Gondomar, Valongo.

O fato de estarem espalhados por lugares dispersos e, muitas vezes, longe uns dos outros, facilita, ou potencializa, o papel de bares e restaurantes brasileiros como os pontos de encontro privilegiados, como os lugares em que brasileiros travam conhecimento uns com os outros e estreitam suas redes de relações. Os bares e restaurantes, locais em que parte considerável da pesquisa foi realizada, são, de certa forma, os nós de redes sociais que se espalham não uniformemente pela grande Porto e também por cidades do interior do norte de Portugal. Conectam, num mesmo ambiente, várias redes de trabalhadores de diversos lugares, formando um mapa do mundo do trabalho de imigrantes brasileiros no Porto.

A cidade do Porto no contexto da imigração em Portugal

No contexto português, a cidade do Porto agrega menos imigrantes que outras regiões. Os dados de 2000, embora se refiram apenas aos imigrantes legalizados, permitiam inferir que Lisboa e redondezas eram o grande centro de imigração brasileira em Portugal e que o Porto era o segundo lugar onde se concentravam mais brasileiros.² Isso representava cerca de 3.308 brasileiros vivendo legalmente no Porto em 1999, número que não revelava de forma alguma a extensão da presença brasileira naquela localidade, dado o enorme número de indocumentados que conheci em 2000. O processo de legalização de 2001 demonstrou o quanto era relevante o número de imigrantes ilegais àquela altura.³

A imigração brasileira recém legalizada após 2001 continua centrada na área metropolitana de Lisboa, com cerca de 63% do total de legalizados. Em seguida, surge Faro (sul de Portugal), como segundo destino e Porto como terceiro, com cerca de 9,5% e 7,5%, respectivamente. O que vemos é uma maior concentração de brasileiros em Lisboa e uma dispersão maior pelas demais regiões. O Porto continua a ser o segundo maior concentrador de brasileiros.⁴ Mas, com cerca de 11% dos imigrantes, Porto viu menos brasileiros serem legalizados em 2001 do que Faro, por exemplo. Ao contrário da região de

Lisboa, Porto concentra pouca imigração “em português”, e apenas os números de guineenses são de alguma relevância, ainda assim menor que o de chineses.⁵ O maior contingente de ilegais no Porto era (embora não tenhamos conhecimento sobre a situação atual) de ucranianos, com 5.510 legalizações em 2001, seguidos de 1.933 legalizações de brasileiros.⁶

Vê-se que em 2001, no Porto, houve um aumento de 216% na população de imigrantes. Esse aumento foi menor que o que aconteceu em outras dez regiões, mostrando que em termos relativos o Porto não tem sido um dos principais destinos. Mas, em termos absolutos, Porto é a terceira região com mais imigrantes, muito atrás de Lisboa/Setúbal e pouco atrás de Faro. As regiões de Lisboa e Algarve exercem mais atração para os imigrantes que as demais regiões de Portugal.

O perfil dos imigrantes brasileiros

O alvo da pesquisa foi majoritariamente os imigrantes “pobres”, buscando um contraste em relação à imagem vigente na época, que pressupunha uma imigração brasileira altamente qualificada e bem remunerada. Essa imagem era derivada dos números oficiais da imigração em Portugal. A imigração brasileira no Porto não é predominantemente de classe média, como ainda se imagina em reportagens de televisão no Brasil e mesmo em algumas mídias portuguesas. Ao contrário, a maioria das pessoas é pobre e com baixa formação escolar. Há mais garçons que dentistas, mais músicos que professores de ginástica, mais jogadores de futebol que todas as categorias de profissionais liberais juntas. Na década de 1990 do século passado, a imigração brasileira aparecia como predominantemente qualificada.⁷ Mas essas afirmações eram baseadas em dados que apresentavam limitações e ofereciam um quadro que poderia ser distorcido.⁸

Isso é especialmente verdade no caso brasileiro, já que, ao contrário de outros grupos de imigrantes em Portugal, não há estudos etnográficos sobre brasileiros que fossem capazes de matizar as possíveis falsas impressões dos dados oficiais. Trabalhando com o Cen-

so e os dados do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) até 2000, a impressão de uma maior qualificação e a idéia de uma imigração especializada por parte dos brasileiros predominavam. Meu estudo de caso indicou (obviamente, apenas para o caso, mas pode ser uma forma de matizar aqueles dados) que a imigração ilegal fugia completamente desses parâmetros. O perfil que encontrei foi o de classe mais baixa que a média apresentada pelos números.

O fato de o número de legalizações concedidas aos brasileiros em 2001, no âmbito da lei de imigração desse ano, ter significado um aumento de mais de 100%, indica o quanto os dados anteriores ignoravam um contingente enorme da população de imigrantes brasileiros. Assim, esse trabalho trata de uma população que não aparecia claramente nos números de 2000, mas que pessoalmente considero mais representativa da maioria dos brasileiros em Portugal.

O lugar no mercado de trabalho

O cotidiano dos imigrantes brasileiros no Porto era marcado, à época da pesquisa, por uma série de diferentes preocupações. Desde o encontro com os amigos após o trabalho até as estratégias para permanecer num país estrangeiro em situação de ilegalidade. Todas as preocupações estão, entretanto, como que atadas ao universo mais significativo da vida cotidiana, que é o do trabalho. De certa forma, o trabalho ou a busca de um emprego confere um nexo central às ações e relações dos imigrantes. As relações de amizade em geral se formam nos locais de trabalho; a descoberta dos bares noturnos para os imigrantes também é apresentada aos recém-chegados pelos companheiros de trabalho mais antigos; a busca de emprego se faz através das relações de amigos, conhecidos ou conhecidos de conhecidos que trabalham em algum lugar em que é possível arranjar trabalho; as brincadeiras nos churrascos e nas confraternizações referem-se aos acontecimentos dos locais de trabalho etc.

Por outro lado, a relação com a sociedade portuguesa também passa pelo local de trabalho: os primeiros padrões portugueses, as primeiras

experiências de exploração, a percepção da fragilidade da situação de ilegalidade, o contato com fregueses portugueses (no caso dos que trabalham como atendentes). O trabalho, motivo primeiro para a imigração, como atestam várias entrevistas que realizei entre os imigrantes, é uma preocupação onipresente para grande maioria dos brasileiros com os quais entrei em contato. O universo do trabalho medeia tanto a relação dos imigrantes com a “comunidade brasileira” já instalada no Porto como a relação com a sociedade portuguesa. É por esse motivo que o cotidiano dos imigrantes tem relações intrínsecas com o universo do trabalho, razão pela qual é importante uma tentativa de entender como a experiência do trabalho se articula à construção de uma identidade brasileira específica aos brasileiros imigrantes, como veremos mais adiante.

Os três grandes grupos de atividades econômicas executadas por brasileiros são, segundo o SEF,⁹ aqueles englobados pelas categorias [1] 451/455,¹⁰ com 25,5%, a [2] 551/555 com 22% e a [3] 701/748, com 22,5%. O primeiro grupo [1] refere-se a atividades relacionadas com a construção civil, e deve-se notar que é nominalmente a atividade econômica que mais empregava brasileiros, embora num nível significativamente abaixo da média dos imigrantes em geral, que ficava em 39,5%. Os brasileiros trabalhavam menos na construção civil que os demais imigrantes. O segundo grupo [2] trata do comércio com restaurantes em geral, desde hotéis até cafés e *snack* bares. Pela experiência em pesquisa, posso dizer que a profissão predominantemente executada por brasileiros nesse campo de atividade econômica era a de garçom. Com 22% dos brasileiros trabalhando nessa área, temos uma grande diferença com relação aos imigrantes em geral, dos quais apenas 11,3% atuavam no mesmo campo (se excluirmos os brasileiros da média geral, a diferença aumenta ainda mais).

Se somarmos ao “atendimento ao público em geral”, categoria que utilizo para definir a principal atuação dos brasileiros no mercado de trabalho, as categorias [4] 501/505, [5] 511/517 e [6] 521/526, teremos outro quadro. O grupo [4], com 1,68% de brasileiros, refere-se a atividades no comércio de automóveis e combustíveis, o grupo [5], com 4,4% de brasileiros, a atividades no comércio grosso (atacado)

em várias áreas e o grupo [6], com 6% de brasileiros, ao comércio “a retalho” em geral (varejo). As principais profissões que os brasileiros desempenhavam nesses campos econômicos eram as de vendedores diretos ao público: frentistas, vendedores em lojas nos shoppings, vendedores em lojas atacadistas etc. A soma dessas atividades era de 12,3%, contra 8% da média de todos os imigrantes. Somando aos 22% dos brasileiros que trabalhavam na hotelaria (categoria [2]), teríamos 34,3% de brasileiros atendendo ao público, numa estimativa que pressupõe que todos trabalhavam como atendentes, o que não é, obviamente, certo. Mas vale como exercício de análise.

A categoria [3] 701/748, com 22% de brasileiros, é extremamente vasta. Nela cabem desde promotores de venda e compra de bens imobiliários, aluguéis de automóveis e máquinas em geral, consultoria de informática e comércio de informática em geral, consultoria jurídica, arquitetura, engenharia, publicidade, até segurança e limpeza industrial.¹¹ A categoria é tão vasta que acaba sendo pouco útil. Nela se enquadram desde o engenheiro altamente qualificado até o trabalhador de uma agência de segurança privada, desde o advogado até o funcionário de uma consultoria em informática. Estavam contidos desde a famosa imigração qualificada brasileira até mais um grupo significativo de atendentes ao público. Mas, ainda assim, imagine-mos que esses brasileiros fossem todos qualificados e que a soma das categorias [3], [4], [5] e [6], feita acima, represente um número razoável de atendentes. Teríamos uma distribuição de cerca de 34% de brasileiros servindo ao público, 22,5% trabalhando com a construção civil e 22% em empregos mais qualificados. Os 21,5% restantes desempenhariam diversas atividades. Diferentemente do relatório no qual se baseiam tais análises, que afirma que a construção civil era quem mais empregava brasileiros, podemos visualizar que o trabalho de atendimento e relacionamento com o público era um nicho mais favorável aos brasileiros (a média dos imigrantes em geral nas mesmas categorias era de cerca de 19%). Lembremos que os números acima se referem ao contingente de 22.558 brasileiros que se regularizaram no regime especial de autorização de permanência em 2001, e não aos brasileiros em geral, o que pode causar mudanças nessas

análises preliminares. Mas, como o número de regularizações ultrapassou o de imigrantes legalizados em 2000 (22.411) em mais de 100%, podemos pensar que esses números indicam o real perfil da imigração brasileira, que continua crescendo.¹² Os dados acima também indicam a importância da profissão “empregado de balcão e empregado de mesa” entre os brasileiros – e apenas entre os brasileiros. No Porto, a construção civil ainda não tinha em 2000 a mesma importância que parecia já ter para os brasileiros em Lisboa.

Trabalho e estereótipos

Os trabalhadores brasileiros, portanto, dirigem-se principalmente para o mercado do atendimento ao público. A hotelaria ainda era, em 2000, a melhor fonte de empregos, como vimos acima, principalmente por uma suposta “vantagem estrutural” dos brasileiros: eles têm fama de festivos, simpáticos e, ainda por cima, falam português. Essa “fama” garante espaço no mercado e uma posição privilegiada na hierarquia das alteridades. O que chamo de “hierarquia das alteridades” é uma forma de escalonar em termos valorativos as diferentes populações que se encontram dentro de Portugal. Defendo a idéia de que a atual hierarquia que qualifica as populações imigrantes em Portugal, e na qual os brasileiros têm um lugar privilegiado, é fruto das hierarquias coloniais portuguesas, tão bem expostas nas grandes feiras coloniais do começo do século XIX.¹³

Determinadas características são esperadas dos trabalhadores brasileiros. As principais são a alegria, a simpatia e a cordialidade. Acreditando que os brasileiros são portadores atávicos de uma série de características, os empregadores portugueses procuram por esses imigrantes para determinados trabalhos. É por isso que o atendimento em geral era a grande fonte de emprego para brasileiros na cidade do Porto. Muitos trabalhavam como garçons, vendedores de lojas, representantes de vendas, músicos. De certa forma, o brasileiro em Portugal é um *entertainer*. O papel do *entertainer* delegado ao brasileiro não é, contudo, isento de conotações ideológicas: o processo que se desenrola é o de uma subordinação sistemática do brasileiro

aos estereótipos que rotulam todos os brasileiros como pessoas alegres e simpáticas. Tais estereótipos têm também outras conotações, pois, ao mesmo tempo em que os brasileiros são considerados alegres, são vistos como menos intelectualizados, sexualmente desregradados e pouco educados. Ou seja, reproduz-se aqui uma antinomia clássica do pensamento colonial, que é a divisão do mundo entre civilização e selvageria. À civilização pertencem, obviamente, os produtores do discurso ideológico, os colonizadores (no caso, ex-colonizadores). No lado selvagem da equação estão os povos dominados pelo colonialismo.¹⁴

Os brasileiros passam pelo que chamamos de processo de exotização, que são fenômenos sociais de efetivação dos estereótipos – têm relação íntima com a sua produção – mas vão além da mera constatação da sua existência. Esses processos referem-se não apenas à imposição de imagens estereotipadas a determinadas populações, o que poderíamos chamar de “orientalismo”, afinal, é disso que trata parte da obra de Said (1990): de como determinadas imagens sobre o outro são construídas e passam a ter autonomia simbólica, num processo de “encarceramento simbólico” dos nativos. Afinal, os que são descritos são, em geral, os que são discriminados nas relações de poder estabelecidas.

Para além de ser submetida ao “orientalismo”, a “praxis” da população brasileira estereotipada se relaciona com as imagens constituídas do imaginário hegemônico português de uma forma ativa. Ou seja, os imigrantes brasileiros não apenas estão sujeitos à construção das imagens estereotipadas por determinados agentes de poder, mas também são sujeitos ativos da exotização. Assim, adaptar-se mais eficientemente aos estereótipos portugueses pode conferir maior poder a determinadas pessoas.

Os imigrantes brasileiros, longe de serem receptáculos de estereótipos construídos à revelia de suas vontades, estavam, portanto, também engajados no reforço sistemático desses estereótipos. Isso mesmo: os brasileiros não eram apenas objetos da estereotipação, mas sujeitos ativos na promoção desses estereótipos. Esse processo de auto-subordinação se dá justamente através da inserção no mercado

de trabalho. Quero indicar que o modo como os brasileiros na cidade do Porto organizam sua “vida coletiva” permite entender de que forma eles, progressivamente, vão-se tornando “exóticos”, no sentido determinado por um universo simbólico português abarrotado de imagens sobre os brasileiros.

Exotização

O trabalho é o principal caminho para os processos de exotização, já que os lugares oferecidos pelo mercado de trabalho português são relativos aos estereótipos: animadores, músicos, capoeiristas, dançarinos, jogadores de futebol e atendentes ao público em geral. Os lugares no mercado de trabalho português referem-se ao que denomino “mercado da alegria”. O trabalho no mercado da alegria refere-se aos empregos que envolvem a animação e também o atendimento ao público. Incluo o atendimento ao público no “mercado da alegria” porque os empregadores portugueses pressupõem que, de alguma forma, os brasileiros são mais adequados para qualquer profissão que exija o trato com clientes, devido à simpatia, à cordialidade e à alegria que esperam de qualquer brasileiro.

O mercado de trabalho é fundamental na análise da construção da organização social dos brasileiros no Porto, assim como na construção de identidades essencializadas referentes a imagens estereotipadas sobre o Brasil.¹⁵ Como um dos pressupostos básicos para conseguir emprego é ter de se encaixar num modelo de “brasilidade” específico (ser alegre, comunicativo, submisso), esse exercício de subordinação a modelos simbólicos resulta em processos que pretendo analisar aqui. Ou seja, a determinação de um lugar no mercado de trabalho para os brasileiros tem implicações tanto na organização da vida como na construção de identidades. Obviamente, isso não defende um economicismo, mas afirma que o processo que leva ao mercado de trabalho constrói também um universo de relações e representações que devem ser examinados em sua relação mútua.

Encaixar-se no estereótipo português sobre o brasileiro facilita a vida do imigrante, que consegue seu emprego mais rapidamente. Por outro lado, a imagem que o imigrante passa a vender como a do “autêntico brasileiro” é esta imagem exotizada. Num movimento coletivo de exotização, as percepções sobre a identidade brasileira começaram a se aproximar dos estereótipos portugueses. Os estereótipos “ganharam vida” e os brasileiros viraram a imagem que deles esperavam os portugueses. Tendo em vista que as relações de poder entre os imigrantes passam, entre outras coisas, pelo controle de uma larga rede de possíveis empregadores portugueses, os líderes acabam sendo aqueles que podem ser acionados em caso de busca de emprego. Esses líderes são brasileiros que, tendo se encaixado nas imagens correntes sobre o Brasil, conseguiram inserir-se solidamente no mercado de trabalho.¹⁶ Tornaram-se intermediadores, cuja situação de mediação proporciona acúmulo de poder entre os demais imigrantes brasileiros.

RECIPROCIDADE E CENTRALIDADE.

Passemos agora à análise do cotidiano dos brasileiros, de forma a qualificar com dados etnográficos o processo que chamo de subordinação ativa. Em sua vida cotidiana, os brasileiros no Porto interagem entre si através de redes, marcadas por laços intensos de reciprocidade. Nessas redes estabelecem-se as relações mais variadas em lugares específicos: bares e restaurantes, principalmente os voltados para o público brasileiro. Eles são os principais nódulos da convivência fora de seus círculos mais íntimos, formando redes mais amplas. O bar é o lugar de sociabilidade por excelência. Os imigrantes brasileiros não vivem em “guetos” e isso traz conseqüências importantes na organização da vida dos brasileiros como um todo. O universo privado de uma possível vida comunitária fica bastante limitado e a socialização do imigrante é feita predominantemente na vida pública, ou seja, nos bares brasileiros.

É essa a importância desses lugares e o que lhes confere um lugar de destaque nesse trabalho, pois os bares são o núcleo da vida pública de imigrantes. Só ali é possível acompanhar a vida coletiva de brasi-

leiros e perceber a realidade da imigração. O circuito privado de solidariedade e trocas é impulsionado pela vida pública nos bares e restaurantes. É ali que um novo imigrante conseguirá se inserir numa rede de amizades, indo a churrascos, jogos de futebol e sendo convidado para festas. É nesse circuito privado, marcado por redes variadas, que ocorrem os circuitos de prestação, tendo a carne como principal bem circulante. É dando a carne dos churrascos que se cria um Kula brasileiro. As pessoas sentem-se obrigadas a promover os churrascos, embora algumas o façam mais que outras, o que lhes confere uma proeminência social maior. São eles os controladores dos ciclos de prestação, por acumularem muito capital social.

Nos bares para brasileiros havia um fluxo recente e intenso de imigrantes recém-chegados, e esses se relacionam mais entre si do que com os antigos, formando camadas temporais de chegada nas quais prevalecem os relacionamentos de amizade e convívio. São quase que exclusivamente pelas classes etárias que se formam as principais amizades e relacionamentos. A importância dos bares é tanta que muito da memória coletiva da imigração – que, embora recente, já tem mais de 15 anos – é marcada pela lembrança de bares que abriram e fecharam ao longo do tempo, e as histórias, acontecimentos, amizades, brigas etc., são relacionadas a esses lugares. Há uma história da sucessão de bares, ressoando a uma mítica dos velhos bons tempos, “quando ainda éramos poucos”, como diz um imigrante. Os bares famosos na memória coletiva são o *Aconchego*, *Copacabana*, *Dança e Balança*, *NanaBanana*, e outros que passaram pela vida de muitos dos imigrantes brasileiros.

Nos bares para brasileiros podemos encontrar o ambiente dividido por pessoas que formam redes menores, como as dos churrasqueiros, das prostitutas, dos jogadores de futebol etc. Embora os próprios imigrantes brasileiros dêem esses nomes às redes que se encontram nos bares, elas não correspondem exatamente às profissões que lhes dão nomes. Assim, a rede de churrasqueiros é formada por garçons de diversas churrasquarias e, entre eles, há os churrasqueiros. Essas redes são basicamente formadas por pessoas que trabalham na mesma chur-

rascaria e que, em muitos casos, moram juntas em casas alugadas pelos patrões. Estes trabalhadores juntam-se em bares para brasileiros após o horário de trabalho, já muito tarde da noite, o que acontece também com as prostitutas. Obviamente, com o ritmo acentuado de trabalho que os imigrantes ilegais precisam executar, as noites não são todas movimentadas: esses encontros ocorrem em geral aos domingos e segundas.

Os bares brasileiros são freqüentados por vários jogadores de futebol que chegam mais cedo e são freqüentadores mais assíduos que os demais, por não encontrarem tantas limitações de tempo. São jogadores de times de terceira, quarta e quinta divisões de futebol, além dos jogadores de futebol de salão. Nas noites de domingo e segunda-feira esses bares são freqüentados também pelas prostitutas brasileiras, oriundas de várias regiões do Brasil, que, em geral chegam após as duas da madrugada em grupos de quatro ou cinco e, sentam-se em mesas à parte. Normalmente, são abordadas pelos brasileiros que ali se encontram presentes, e a partir desse contato, ampliam-se as redes de convivência. Há ainda um grande número de músicos que se encontram nesses bares. Todas essas pequenas redes são heterogêneas pois, de certa forma, são formadas pelos que convivem nos mesmos lugares de trabalho, além de incluírem amigos, parentes e conhecidos. Assim, a rede de músicos inclui os parentes de alguns deles que trabalham em outras atividades, amigos que são churrasqueiros etc., diluindo o caráter “exclusivista” que os nomes dados aos agrupamentos parecem fazer crer.

Essas redes são formadas por uma mescla de colegas de trabalho, amigos e parentes trazidos pelos imigrantes mais antigos do Brasil. Assim, entende-se o quanto os bares são fundamentais para as redes de imigração, pois em seus ambientes os pedidos de emprego são feitos, as oportunidades são anunciadas, os empregos são cobçados etc. Assim, quem tem um parente prestes a chegar e não pode lhe arranjar um emprego no local em que trabalha, tenta, nos bares, pedir ajuda a pessoas que trabalham em outros lugares. Quando a tentativa é bem-sucedida, temos duas redes que se cruzam. No limite, todas

essas redes se entrelaçam, construindo redes bastante amplas e complexas que só podem ser delineadas em ação nos bares, principalmente nas noites especiais nas quais os brasileiros se encontram.

Entretanto, há uma diferenciação básica entre essas múltiplas redes: elas tendem a ser menos uniformes de acordo com o tempo de estadia dos seus integrantes em Portugal. Quando o centro da sociabilidade está marcado pela vivência nos locais de trabalho, isto é, quando alguém se relaciona principalmente com os colegas de trabalho, isso significa que está há pouco tempo em Portugal e tem poucas conexões e amizades. Assim, quanto mais tempo as pessoas estão em Portugal, mais as suas redes vão-se diferenciando, pois trabalham em diferentes bares, times etc. As redes compostas por estes “veteranos” não são marcadas por profissões predominantes, sendo conhecidas informalmente pelo nome da pessoa mais influente e mais “central” da rede. Essas pessoas são, em geral, os intermediários, os verdadeiros jogadores do jogo da centralidade, que analisarei a seguir.

Jogo da centralidade

Chamo de “jogo da centralidade” a luta entre brasileiros para estabelecer diferenciações entre si. Para os imigrantes brasileiros o “estar no mundo” é marcado por uma aproximação com um “centro”, num processo paralelo ao descrito por Geertz no *Negara* (GEERTZ, 1980), no qual a antiga corte balinesa legitimava-se por uma proximidade inventada que era fruto de disputas com a linha de descendência do grande herói real-mítico Majapahit. No caso dos brasileiros no Porto, a luta é para se parecer com uma imagem de identidade brasileira baseada na idéia estereotipada que vige em Portugal e que permite a existência de um lugar específico no mercado de trabalho. A questão é: quem é mais ou menos brasileiro.

O jogo da centralidade é uma constante avaliação, por cada imigrante, da sua própria centralidade em relação aos demais imigrantes. É um ato complexo de classificação que recorre a diferentes variáveis. Os brasileiros aproximam-se do “centro” da brasilidade por rotas di-

ferentes. A diferenciação é um instrumento de poder que serve para distanciar os outros do centro das representações. A elaboração de fronteiras – simbólicas ou não – por parte de imigrantes não é um exercício de incluir-se num grupo, mas de excluir outros. Ou seja, os limites para a aproximação dessa imagem central são impostos aos outros, na esperança de ser mais “central” por afastá-los. Chamo de “centralidade” essa idéia que descreve um processo.

Os termos “brasilidade”, “abrasileirar” são usados no sentido específico do jogo da centralidade: ou seja, “abrasileira-se” aquele que consegue alguma legitimidade no sentido das determinações do “centro exemplar”, que aqui relaciono com uma “identidade-para-o-mercado”.¹⁷ O centro exemplar é a coleção de imagens estereotipadas sobre o Brasil (samba, futebol, sexualidade e mestiçagem) que regem a conduta das pessoas envolvidas nesse processo. Portanto, o termo correto seria “centralizar”, pois quando um brasileiro demonstra estar mais próximo da identidade-para-o-mercado, torna-se mais central. Não existe um “abrasileiramento” absoluto, pois isto seria pressupor a existência de uma essência absoluta, o que não é minha opinião. Mantive os termos, entretanto, por considerar que a idéia geral de “abrasileiramento” é mais correta para explicar o processo de centralidade: de fato, os brasileiros buscam tornar-se mais brasileiros *no sentido valorizado pelo jogo da centralidade*. Adoto também esses termos por serem correntes entre os brasileiros; são termos nativos.

Vale lembrar que o jogo da centralidade envolve a dinâmica organização do cotidiano e das disputas políticas entre os brasileiros no Porto. O prestígio e as posições de poder são centralizados por aqueles que ao menos aparentam ter a vida considerada, perante os demais brasileiros, como próxima ao modelo ideal. Este modelo corresponde a uma identidade-para-o-mercado, uma identidade pautada pela solidificação de imagens estereotipadas sobre a essência do brasileiro. Em suas ações, os brasileiros sempre procuram uma forma de construir para si mesmos alguma centralidade que seja reconhecida pelos demais.

O mecanismo básico de abasileiramento é a forma de ocupação no mercado de trabalho. Ou seja, participar do mercado da alegria confere centralidade aos brasileiros. Isto acontece, entre outras coisas, porque o trabalho neste mercado depende da representação portuguesa sobre o Brasil, depende de um reconhecimento de brasilidade por parte do mercado de trabalho. Ou seja, é conferida uma brasilidade compulsória aos participantes desse mercado simplesmente porque os portugueses acreditam que os brasileiros são naturalmente preparados para essas atividades. O reconhecimento de brasilidade por parte do empregador português é mais um elemento centralizador no jogo da centralidade.

Na esfera pública (bares), em que acontece a relação não-codificada pelos círculos de solidariedade e troca, os intermediários¹⁸ assumem um lugar de prestígio, pois é através deles que um imigrante recente pode ingressar em alguma rede de brasileiros. Ingressar nessas redes pode significar um emprego melhor, oportunidades financeiras das mais variadas, um mercado de paquera diferenciado etc. Assim, a vida comunitária funciona como uma superposição de redes (BARNES, 1987; VAN VELSEN, 1987; MAYER, 1987) mediadas por intermediários que são, em geral, os maiores prestadores. A vida espacialmente dispersa aumenta a importância desses intermediários, pois não há como se inserir numa rede brasileira sem o intermédio deles. Como centro dos circuitos de prestação, são esses intermediários que determinam os sentidos das prestações, controlando os eventos e os momentos rituais de convivência, uma vez que se pode ver os churrascos como um ritual de reforço dos laços sociais.

O acesso às redes menores, que são as principais – pois sem participar delas o brasileiro estará “solto”, sem amparo social e coletivo – dá-se através dos bares, locais em que as pessoas que participam dessas redes se encontram, montando um jogo flexível de interligações entre si. Há momentos (em geral nos churrascos) nos quais as pessoas das redes se unem, montando redes maiores, sempre numa situação de acumulação de prestígio por parte de pessoas-chave em cada rede. São esses intermediários que controlarão a vida social e darão o tom da “brasilidade” exotizada na vida cotidiana portuguesa. Como o tra-

balho da maioria está ligado às imagens essencializadas/estereotipadas do Brasil, os imigrantes procuram reforçar sua autenticidade enquanto brasileiros, articulando o jogo de centralidades. Quanto “mais abasileirados” aparentarem ser, exercerão maior influência entre os brasileiros e ganharão maior legitimidade entre os portugueses com os quais encontram-se em posição simbolicamente subordinada, já que os empregos são mais facilmente conquistados por “aqueles que sabem o seu lugar”.

Assim, controlar os circuitos de prestação em círculos cada vez mais amplos confere maior poder e centralidade a determinadas pessoas, que impõem sua própria forma de brasilidade, seja como cariocas, baianos, pernambucanos etc. A imposição de uma leitura da brasilidade localizada em algum regionalismo não exclui a identidade-para-o-mercado, pois esta última é ampla e vazia o suficiente para abarcar qualquer um que não fuja dos estereótipos de malandragem, hipersexualidade e alegria. As formas com que essas características amplas serão elaboradas variam conforme a origem e o universo cultural do intermediário em questão.

Intermediários e centralidade

Para explicitar a relação dos intermediários com os demais imigrantes, narrarei o caso de um deles, que chamarei de Mário, ex-jogador de futebol, que veio para Portugal por volta de 1985 e jogou durante cinco anos em times do terceiro escalão português. Após encerrar sua carreira, passou por inúmeros empregos em diversos bares, tornando-se, por fim, cozinheiro de comidas típicas brasileiras. Nunca ficou sem emprego, já que o mercado de restaurantes brasileiros se consolidou durante os últimos dez anos em Portugal. Sendo cozinheiro de comidas típicas brasileiras, ex-jogador de futebol, recifense, tem grande capacidade de abasileirar-se. No jogo da centralidade, na busca de representar mais a suposta essência da identidade-para-o-mercado brasileira, Mário sempre teve uma posição de destaque.

Como sempre trabalhou em diferentes restaurantes, também foi um dos brasileiros que mais ajudaram os imigrantes em dificuldades. São prosaicas as histórias de como hospedava em sua própria casa vários brasileiros, alguns dos quais mal conhecia, e suas tentativas de obter emprego para todos com muito empenho. Essa atividade como um prestador ativo o colocou como personagem de destaque no circuito de prestações dos brasileiros no Porto. Sua ação no cotidiano foi exemplar, no sentido de aproximar-se do ideal de brasilidade, seja acentuando o exotismo nos lugares de trabalho, seja atuando como um brasileiro “de bom coração”. O seu empenho em arranjar empregos para os brasileiros é um dos fatores mais lembrados em conversas com outros imigrantes e mesmo os que não gostam nada de Mário reconhecem nele um autêntico brasileiro.

Mário é um dos poucos brasileiros mais antigos no Porto que não se casou com uma portuguesa, pois já havia casado no Brasil. Ele controla o acesso a uma rede de amigos e amigas portuguesas, muitos dos quais participam dos churrascos. Porém, longe de uma rede familiar portuguesa, ele tem menos condições de negociar no mercado matrimonial, o que lhe causa um certo rebaixamento na busca do ideal de brasilidade, afinal, o brasileiro, simpático por natureza, deve conhecer muita gente. É preciso que vejamos a busca da centralidade como uma disputa entre “imperfeitos”, pois na prática ninguém performa todos os requisitos de uma representação esvaziada do brasileiro: ninguém é completamente malandro, completamente feliz, completamente simpático, completamente prestativo. Alguns se aproximam do ideal por vias diferenciadas, com posturas individuais que configuram uma conjuntura particular de práticas e de representações perante os demais brasileiros. Estas conjunturas particulares são flexíveis e mutáveis conforme os imperativos das lutas políticas e simbólicas pelo centro da representação.

Passemos agora a atenção para um exemplo de como estas diferenças de brasilidade atribuídas confrontam-se na prática de alguns brasileiros, a fim de ilustrar o processo do jogo da centralidade. O caso de um dos intermediários, que chamarei de Lucas, pode demons-

trar de que forma as relações de poder são mediadas pela representação de uma possível brasilidade mais legítima.

Lucas é um conhecido churrasqueiro da cidade do Porto. Trabalhou em todas as casas de churrasco brasileiras e conhece profundamente o mercado da carne na cidade. Vive em Portugal há 15 anos, desde os seus 18 anos. Veio já como um churrasqueiro profissional, para trabalhar numa casa em Lisboa. Natural de Santa Catarina, trabalhava como churrasqueiro desde os 13 anos em diferentes cidades brasileiras. Ficou pouco tempo em Lisboa, pois o emprego pagava menos que o prometido, o que é muito freqüente na experiência de imigrantes brasileiros em Portugal. No Porto, inaugurou várias casas brasileiras de churrasco. Reconhecido como um profissional de qualidade e responsabilidade, inaugurou várias casas de churrasco por todo território português – inclusive nos Açores e Madeira – e também na Espanha e em Luxemburgo.

Atualmente não trabalha regularmente em nenhuma casa, tem uma pequena empresa de *catering*, isto é, faz churrascos em festas particulares. Tem uma churrasqueira profissional de pequeno porte e contrata garçons brasileiros para a festa que organiza. Faz churrasco em festas particulares, nas quais prepara tudo e cobra de acordo com o número de pessoas. O seu negócio conta com o grande relacionamento que tem com alguns gerentes de restaurantes que em geral são brasileiros, os que sabem mesmo como funciona um esquema de churrasco. Como este trabalho tem mais demanda no verão, durante o duro inverno portuense trabalha como “extra” nas casas de churrasco do Porto. O trabalho “extra” é pago por dia e garante a sobrevivência na baixa temporada. Com um currículo desses e com um tipo de trabalho que oferece empregos para vários brasileiros como extras, é possível perceber que Lucas tem uma grande influência entre eles. Essa influência concentra-se basicamente por conta de seu domínio do mercado de trabalho que mais emprega brasileiros no Porto, o dos bares e restaurantes. Como trabalha em muitas casas e conhece todos os gerentes e donos de casas brasileiras no Porto, Lucas é muito requisitado e tem a fama de ser o melhor churrasqueiro do Porto.

Lucas consegue trabalhar ainda como “terceiro”, ou seja, representa as casas mais famosas em festas e feiras de culinária. As casas em geral não têm estrutura para organizar eventos por conta própria e contratam Lucas, que tem a aparelhagem e consegue montar equipes em geral enriquecidas por um ou outro funcionário do restaurante. Essa relação estreita garante a Lucas uma série de serviços que vêm apoiados nos nomes famosos das grandes casas. Ele domina uma vasta rede de churrasqueiros e se aproveita disso para ganhar dinheiro. Conhece todos os bares que abriram ou fecharam e, portanto, sabe onde estão as churrasqueiras que não estão sendo usadas. Por exemplo, vendeu uma destas, que estava com um ex-gerente de uma churrascaria, para outro que estava abrindo uma casa, ganhando 100 contos na transação.

Como muitos brasileiros vivem desses serviços “extras”, e como Lucas em geral recebe mais de um convite para trabalhar como “extra” nos finais de semana, é normal que ele repasse os convites para outros brasileiros, o que faz com que seu telefone celular nunca pare de tocar. Sua posição importante no mercado de trabalho garante uma capacidade de centralidade relevante para Lucas, pois a generosidade em repassar ofertas de trabalho¹⁹ o aproxima da representação da identidade-para-o-mercado.

Com essa posição de destaque no mercado de trabalho, Lucas seria um intermediário muito influente, mas há alguns fatores que desvalorizam sua capacidade de centralidade, como o fato de ser natural do sul do país, um local pouco reconhecido como representante legítimo da brasilidade. Tudo nos estereótipos sobre o sul são contrários à identidade-para-o-mercado: os sulistas são vistos como brancos, supostamente não dançam ritmos “quentes”, não se imagina que vivam sob o regime praia-sol-tropicalidade, não são apontados como malemolentes, isto é, não se reputa que tenham o corpo maleável e cheio de ginga, características que são atribuídas aos que são vistos como os “verdadeiros” brasileiros. Com uma imagem desvalorizada da brasilidade por ser do sul e branco, Lucas está em desvantagem em relação a outros intermediários que não têm o mesmo controle do mercado de trabalho, pelo fato de sua imagem não ser relacionada à essência da

brasilidade. Ele precisa, por isso, “abrasileirar-se”, o que acontece através de rituais de brasilidade, que discutirei mais adiante.

Mário controla especialmente um círculo de prestações de bens simbólicos em vez de empregos, mas é nordestino;²⁰ exerce, portanto, uma brasilidade mais legítima (sol, praia e axé) e poderia subordinar Lucas à sua rede. Lucas entra na disputa através de outras estratégias: pela ultragenerosidade na distribuição de empregos e pela desenvoltura nos rituais de brasilidade que o tornam mais “legitimamente” brasileiro. Podemos ver que o controle dos diversos círculos de prestação elabora diferenças de poder, sempre mediadas pela identidade-para-o-mercado.

Hierarquia das redes

É possível afirmar que algumas redes caracterizam-se por serem mais centralizadoras que outras, sendo mais disputadas conforme sua centralidade. Ou seja, inserir-se nelas é um privilégio, controlado a ferro e fogo por seus intermediários, que têm consciência de que o prestígio que detêm pode subordinar as pessoas que desejam ingressar nessas redes. Como a percepção da valorização de um grupo tem mais a ver com a centralidade do que com a capacidade econômica, algumas redes, por serem abalizadas como mais “naturalmente” brasileiras são consideradas mais próximas do que chamo de identidade-para-o-mercado, detêm mais “poder”: é o caso das redes de músicos e jogadores de futebol, formados em sua maioria por mulatos e negros. É a reversão da hierarquia racial brasileira.²¹

Os churrasqueiros, por exemplo, são menos valorizados simbolicamente, embora sejam melhor situados financeiramente (seus salários podem chegar a 200 contos, o dobro do salário de um garçom). São também mais brancos que os demais, talvez por causa da maior procedência do sul do país – isso não significa que não haja churrasqueiros negros e jogadores de futebol brancos e que alguns intermediários não se conformem aos parâmetros de centralidade que elaborei acima, ou seja, não impede que o jogo da centralidade seja jogado no

campo da identidade-para-o-mercado. Assim, as redes de churrasqueiros que, por trabalharem juntos, acabam por conviver mais entre si, são menos valorizadas e muitos tentam se inserir nas redes em que podem se tornar “mais brasileiros”. Ou seja, ser brasileiro em Portugal é um processo político, inscrito em relações de poder, processo mediado por universos simbólicos construídos no confronto entre representações do Brasil correntes em Portugal e aquelas produzidas pelo Estado brasileiro e pela mídia, especialmente as redes de televisão, que também são importantes produtoras e difusoras da “narrativa da nação”.

Mas o trabalho como churrasqueiro é uma profissão das mais relevantes na vida de imigrantes brasileiros no Porto. Ela envolve desde a vinda de profissionais experientes, em geral do sul do país, até a formação de novos no contexto da imigração. Como os restaurantes brasileiros são, em Portugal, sinônimos de churrasarias, esse profissional é requisitado. O churrasqueiro é um nome que aqui usamos amplamente, mas que encobre três atividades distintas: cortar a carne e colocar nos espetos, o controle dos espetos na churrasqueira e o serviço de mesa. As duas primeiras funções demandam profissionais com muitos anos de prática e, em geral, as churrasarias contam com gente formada no Brasil para esse tipo de trabalho. O serviço de mesa é o que mais emprega, pois os restaurantes do tipo rodízio precisam de um serviço constante, o que exige um grande número de trabalhadores. Só que trabalhar com uma faca grande e afiada sempre próxima ao cliente exige um nível mínimo de formação. O cortador de carne precisa de técnica.

Muitos profissionais vêm formados do Brasil. Em Portugal eles são importantes também na formação de novos cortadores de carne nas mesas, imigrantes brasileiros sem experiência. O público português espera ver um brasileiro servindo carne, o que faz dessa profissão um reduto de mercado quase exclusivo. Muitos brasileiros começam a trabalhar em churrasarias no Porto como garçons de guarnições e, aos poucos, vão-se inteirando das técnicas do corte. Mas às vezes as pressões do mercado levam garçons pouco experientes a trabalhar cortando carne na mesa.

A especialização econômica e cultural resulta de um saber efetivo: come-se muita carne de boi no Brasil, conseqüentemente, há um bom conhecimento sobre o melhor modo de cortar e fazer a carne. Por isso, os profissionais brasileiros possuem técnicas de corte de carne bovina, um conhecimento que é circulado pelo país, mas que não existe em Portugal. Isso cria o que chamei de “mercado da carne”: desde açougues portugueses que contratam brasileiros para desossar peças, compradores de carne brasileiros, distribuidores de carne para restaurantes brasileiros e portugueses, até os churrasqueiros. Mas a presença desse saber cultural é tão intensa que a picanha já está virando um prato nacional português, sendo possível encontrá-la em menus de vários restaurantes, acompanhada de feijão preto e farofa.

Há redes menos valorizadas, como a dos que trabalham na construção civil, mesmo que estes ganhem mais dinheiro que os que trabalham na hotelaria. O trabalho manual, sem conotações culturais que possam ser “abrasileiradoras” no jogo da centralidade, é completamente desvalorizado: um pedreiro é um pedreiro, não é um pedreiro brasileiro. O fato de muitos dos trabalhadores da construção civil serem africanos e do leste europeu,²² indica que os brasileiros que exercem a profissão de pedreiro não exercem militantemente sua brasilidade como os demais. Quando o músico, dançarino ou garçom é brasileiro, ele tem ganhos no mercado de trabalho português, o que não acontece com um pedreiro brasileiro. Isto “desbrasiliza”, ou seja, descentraliza os que trabalham na construção civil, independente da cor do trabalhador. Às vezes, a escolha ocorre entre um trabalho que remunera melhor e é completamente desvalorizado pelos brasileiros e um trabalho que paga menos, mas dá mais *status*. Muitos desses trabalhadores usam as redes e os rituais de brasilidade, como formas de se “centralizarem”.

Uma das redes mais legitimamente consideradas brasileiras, e, portanto, melhor colocada no jogo da centralidade, é a dos músicos. Como virtuais embaixadores da cultura brasileira no Porto, no que ela tem de mais apelativo, que é a música, esses trabalhadores têm grande capacidade de centralidade. Como vivem da música e ela movimenta a objetivação da cultura brasileira, por meio dos bares e restaurantes

onde trabalham, é natural que tenham muita capacidade de representar as imagens da identidade-para-o-mercado. Note-se que boa parte dos músicos são negros e mulatos. Mas há também problemas com o mercado, um tanto saturado, da música brasileira no Porto.

Todo este processo concentra o poder em algumas redes específicas que se tornam mais centrais que outras, e seus intermediários passam a ter a capacidade quase mágica de abraçar quem está sob sua influência. Formam-se jogos de inclusão e exclusão através do poder dos intermediários.

REDES SOCIAIS E HISTORICIDADE DA IMIGRAÇÃO

Há uma espécie de rede formada por intermediários, ou seja, há esferas nas quais os principais intermediários se encontram para conviver. Estes encontros são espécies de “copas do mundo” entre os mais importantes intermediários, que servem para afirmar os participantes em relação aos demais imigrantes, bem como para que estes brasileiros estabeleçam entre si sistemas de mensuração da sua “brasilidade”. Estes encontros são alguns churrascos especiais concorridíssimos, nos quais os “mais antigos” se encontram para contar suas histórias e jogar cartas. O pôquer e o pif-paf são formas rituais de atualização de prestígio, pois quem senta nas mesas é reconhecidamente mais importante do que outros. Esta convivência está ligada, obviamente, às diferentes temporalidades que se estabelecem entre os imigrantes, pois os principais intermediários são os que estão há muito tempo em Portugal e já se conhecem de longa data, tendo em geral participado conjuntamente de uma ou outra rede. Os diferentes tipos de redes têm historicidades diferenciadas e durações singulares, além de composição extremamente variada. Quando os “mais antigos” se encontram, sempre na presença de outros imigrantes, é comum remeterem a uma memória de um tempo onde havia uma só rede.

Dessa rede inicial teriam saído todos os grandes intermediários, que se conhecem e foram mais ou menos amigos em diferentes momentos. Essa “rede inicial única” configura um mito de origem que legitima ainda mais o papel dos intermediários no presente. O saudosis-

mo e o conhecimento maior que têm de Portugal por estarem há mais tempo é uma arma política também no caminho da centralidade da representação do Brasil, pois, segundo os intermediários, naquele tempo, quando eram poucos os brasileiros, cada um era muito mais brasileiro, uma vez que os portugueses não conheciam muitos. Com o passar do tempo e a chegada de grandes contingentes, todos os brasileiros teriam se tornado menos brasileiros pelo simples excesso e saturação. Explicando de outra forma, estamos lidando novamente com processos que podem ser relacionados com o jogo da centralidade teatral retratado por Geertz no seu *Negara*: há uma linhagem inicial mítica da qual o tempo vai distanciando as pessoas e tornando-as menos puras – no caso, menos brasileiras – e a luta também envolve uma maior aproximação com essa linhagem mítica. Os intermediários choram a nostalgia do passado mítico e executam a política do cotidiano, pois, quanto mais perto dessa linhagem, mais centrais eles se tornam. E como este é um jogo jogado pelos intermediários, é uma forma de legitimar a linguagem e a estrutura das disputas políticas: eles reafirmam as regras do jogo sistematicamente para continuar na disputa entre si. O fato é que estes remanescentes da era mítica são tratados numa perspectiva que de fato os mitifica.

Um dos elementos que marca essa narrativa mítica é a lembrança dos bares brasileiros que se sucederam no tempo. Os bares aparecem como templos da brasilidade e ter estado ou participado das atividades deste passado é uma condição valorizada. Isto revela a importância dos bares e restaurantes na organização da vida cotidiana dos brasileiros no Porto, já que são partes de uma narrativa mítica que busca a centralidade, a brasilidade de um passado mítico recente e que legitima as disputas atuais por prestígio. A sucessão de bares que abriram e fecharam ao longo dos cerca de 20 anos de imigração brasileira constituem a narrativa épica dessas pessoas. Em vários dos churrascos que participei, as histórias que se contavam tinham como cenário os bares antigos que, de certa forma, estruturam a cronologia de qualquer narrativa. Ou seja, eventos e pessoas do passado são localizados no tempo pelas ações que executaram ou aconteceram nos bares brasileiros. Assim, se alguma coisa se passou no *NanaBanana*, remete-

se ao ano de 1997. Se alguém é lembrado e se pergunta quando foi embora, a resposta é “foi na época do *Dança e Balança*”. Isto demonstra que a temporalidade não é marcada pela sucessão dos anos, mas pela sucessão de templos de brasilidade. Como predomina um “saudosismo político”, isto é, acentuar que o bom mesmo era quando ninguém precisava provar ser brasileiro e os brasileiros eram poucos, a estruturação de uma narrativa com base na sucessão dos bares provoca um efeito acentuado de distanciamento do “centro”, pois cada bar era um pouco pior que o anterior numa escala que se estende até a atualidade. Se as pessoas se convencem disso, como de fato vi acontecer, então o papel dos intermediários como mais brasileiros que os demais é legitimado, pois eles “estavam lá”, vivenciando os tempos que se tornaram míticos.

Circuitos masculinos

É através de redes, portanto, que grande parte da vivência dos brasileiros acontece. Os circuitos de churrascos na casa das pessoas marcam o padrão de sociabilidade: sua turma de churrasco é sua rede preferencial de relações, em que as prestações mais estreitas acontecem: ajudas mútuas, doação de presentes, empréstimos de dinheiro, oferecimento de empregos, abrigo nas casas, apoio emocional. Esses churrascos acontecem em qualquer ocasião, desde celebrações de aniversários até pura e simples socialização. A organização é fácil e imediata, basta trocar alguns telefonemas, decidir o lugar, quem leva o que e, em 30 minutos, está organizado o churrasco. Esses momentos são importantes por dar corpo a uma convivência entre os brasileiros fora dos lugares de trabalho e dos bares. Isso é crucial por um motivo principal: o mercado da “paquera”.

Os churrascos propiciam encontros afetivos com mulheres portuguesas, pois, em geral, são realizados nas casas dos intermediários de cada pequena rede que, por estarem há mais tempo em Portugal, têm um número maior de relações com portuguesas. Isto provavelmente acontece pouco nos bares, por serem poucas as portuguesas

que os frequentam e tampouco acontece nos locais de trabalho, onde há predominantemente homens brasileiros, como as churrasarias. Obviamente, há pessoas com mais sorte e menor dependência das redes, pessoas mais ou menos extrovertidas, com maior ou menor capacidade de se relacionar com mulheres portuguesas, mas os churrascos são os lugares mais relevantes para o mercado da “paquera”.

Nos churrascos trocam-se experiências, bens e apresentam-se possíveis namoradas. As experiências são parte do aprendizado da vida em Portugal, mediado pela ajuda dos imigrantes mais velhos, os macetes, os “toques”, ensinamentos valiosos de quem já cometeu muitos erros. Como se portar com os portugueses, como servir as mesas, o que significam as gírias, como tratar as mulheres, como lidar com os patrões etc. A troca lingüística é fundamental na vida dos brasileiros, pois embora a língua seja a mesma, a língua falada no cotidiano é bastante diferente. Os brasileiros recém-chegados têm dificuldades em entender o modo de falar dos portugueses e as inúmeras gírias. Estas têm usos muito elásticos, dando margens a trocadilhos, ironias, zombarias que os brasileiros não entendem e que, em geral, os colocam em situações de humilhação coletiva: são alguns comentários feitos enquanto servem as mesas para fregueses portuguesas, quando procuram os serviços públicos, principalmente o SEF, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, que é o responsável pelos processos de legalização etc. Nos churrascos os recém-chegados escutam as mesmas gírias faladas agora pelos mais antigos e perguntam o que significam, aprendendo com as brincadeiras o amplo leque de significados das palavras. De posse de um arsenal mínimo de “galeguês” (como alguns chamam o falar português), os recém-chegados enfrentam as situações do cotidiano com maior segurança, começam a dominar os códigos do falar português, entendem o que significam as entonações etc.

É através dos intermediários e das redes que visões sobre portuguesas, brasileiros e sobre o Brasil e Portugal são formuladas e ganham as ruas. Os intermediários têm o controle das palavras, do universo da comunicação: eles ditam as gírias, eles são os adaptadores do português falado por imigrantes brasileiros para o português falado em

Portugal. É facilmente identificável um “sotaque” brasileiro específico dos imigrantes no Porto (não posso fazer afirmações sobre Portugal como um todo, já que a fala regional deve influenciar muito na produção de sotaques imigrantes). Esse falar é uma forma de socialização, pois inclui gírias portuguesas abasileiradas, tonalidades que significam intenções variadas e expressões híbridas que têm sentido apenas para os brasileiros no Porto. O controle desse universo lingüístico é outra forma de promoção de circuitos de troca entre brasileiros, a ponto de ser possível identificar o tempo de imigração de alguém pelo sotaque. Em outras palavras, quanto maior o sotaque *brazuca*, maior o tempo de imigração. O interessante é que até os portugueses percebem a transformação na fala do imigrante, pois são capazes de identificar os recém-chegados pela fala ainda bastante “fresca”.

Era comum, durante os churrascos, depois de muitas cervejas, começar uma exibição de imitações de português. Os brasileiros tentavam imitar o sotaque, as entonações, as palavras, além de dramatizar algumas situações mais comuns. Estes esquetes provocam muitos risos e servem a propósitos múltiplos. Um deles é uma forma de revanche provocada pelo riso – o riso como forma de subversão da usual ordem das coisas por meio da caricatura que se cria. Os esquetes dramatizam, entretanto, a tensão das relações cotidianas com os padrões portugueses: são sempre imitadas as cenas de agressões verbais, com grande quantidade de palavrões e xingamentos, o que revela que essas são cenas relevantes no cotidiano brasileiro no Porto. Por outro lado, as imitações servem como aulas de portuguesidade para os recém-chegados naquilo que ela têm de mais visível no cotidiano: o conflito.

Como representações de dramas, com os atores em geral bêbados, provocando risos de uma platéia ainda mais bêbada, estas pantomimas são formas de exorcizar os conflitos do cotidiano ao torná-los caricatos; funcionam como uma maneira de, ao menos simbolicamente e naquele espaço, restabelecer o lugar dos brasileiros na hierarquia em que todos acreditavam: aquela que os deixavam certos que os portugueses, anteriormente imaginados como burros, seriam

de alguma forma inferiores a eles. Seguem-se, invariavelmente, as piadas de português tão nossas conhecidas, mas naquele contexto ditas com raiva, com rancor, com uma vontade de inferiorizar. Ou seja, a piada brasileira de português ganha novos sentidos e significados em Portugal, e talvez os brasileiros, de certa forma, reproduzam num outro contexto as formas de ressentimento que deram origem às piadas.²³

O churrasco opera como um drama que distensiona a vida cotidiana marcada por conflitos no local de trabalho, pelo racismo a que estão sujeitos, pela insegurança da ilegalidade etc. O churrasco como evento social tem significados múltiplos e, numa das dimensões, é um ritual de proteção coletiva, uma válvula de escape. Nesse sentido, é um lugar de aprendizado simbólico efetivo, no qual recém-chegados descobrem tanto as sistemáticas opressões a que os brasileiros estão sujeitos, como as formas de desvio e resistência às mesmas situações. Aprendem argumentos que vão usar normalmente como se fossem seus, tais como as formas mais usuais de desculpas, as estratégias para contornar as broncas de chefes portugueses, como responder aos comentários desagradáveis que costumam ouvir etc.

Por outro lado, aprendem que, nessas redes formadas basicamente por homens²⁴ brasileiros, o conhecimento de possíveis cônjuges é algo fundamental:²⁵ já que o mercado da paquera entre as mulheres brasileiras é desfavorável aos homens, a paquera acontece com mulheres portuguesas. Nesse momento, a intermediação de imigrantes mais antigos, em geral casados com mulheres portuguesas e com acesso a algumas redes familiares e de amizade portuguesas, é de imenso valor. São os intermediários que funcionam como agentes matrimoniais, o que os coloca numa posição de grande importância dentro do grupo.

Assim, um grande número dos homens que fazem parte da rede da qual mais participei estava casado ou namorava mulher portuguesa. Isto acontece acentuadamente com os imigrantes mais veteranos, que conviveram com uma situação mais desfavorável em relação às mulheres brasileiras que os imigrantes mais recentes. Entre os veteranos é mais difícil encontrar um casal de brasileiros do que entre os “ca-

louros”. Mas isso não muda o fato de que, de qualquer maneira, permitir o acesso a redes familiares ou de amizade portuguesas é uma forma de poder. De certo modo, casar com um homem brasileiro não é de mau tom, já que em geral eles estão em melhor situação econômica do que suas futuras esposas portuguesas. Ou seja, embora os brasileiros estejam num lugar desprivilegiado na estrutura social portuguesa, há portugueses em situação semelhante ou pior. Não se pode esquecer que Portugal continua sendo um país de emigração e que muitos portugueses das classes baixas procuram trabalhos sazonais nos países mais ricos da União Européia.

Entretanto, a simples equivalência de classe social não significa possibilidade de casamento, pois os imigrantes africanos também estão nas mesmas situações econômicas e, aparentemente, casam-se menos com portuguesas do que os brasileiros. A explicação encontra-se numa outra ordem – esta simbólica – na qual não há problemas em casar com um brasileiro imigrante. Mas há diferenciações temporais que indicam que essa possibilidade de casamento com portuguesas era mais fácil no passado recente e que imigrantes recém-chegados encontram um racismo mais consistente contra brasileiros, o que dificulta os relacionamentos binacionais. Talvez aqui a retórica dos “bons tempos que não voltam nunca mais” seja um indicador de um processo de perda de prestígio dos brasileiros na sociedade portuguesa. Anteriormente, segundo os lamentos, era incrivelmente fácil arranjar companheiras portuguesas, que estariam predispostas a encontros amorosos com os brasileiros devido à “fama” e “prestígio” destes em Portugal. Lembremos que a sexualidade portuguesa está atravessada pela imagem do brasileiro como hiper-sexualizado.

É de se compreender que o “mercado da paquera” dos brasileiros e brasileiras é quase necessariamente composto por portuguesas/as. Homens brasileiros e mulheres brasileiras dificilmente casam-se entre si no Porto. Há alguns casos de brasileiras casadas com africanos, mas são poucos. Nesse contexto, o relacionamento de brasileiros/as com portuguesas/as é valorizado, o que denuncia uma posição mais privilegiada de brasileiros em relação a outros imigrantes, pois não é difícil para portuguesas, com uma longa tradição de imigração para o

Brasil e de retorno com filhos brasileiros, aceitar tais arranjos matrimoniais.

Circulação de bens

Como é de se esperar, muitas transações econômicas são realizadas entre os imigrantes. As relações econômicas têm perfis diferenciados: desde doações voluntárias, passando por empréstimos “na confiança”, até negociações de agiotagem explícita. Diferenciemos, inicialmente, as trocas “não-financeiras” das trocas financeiras, ou seja, aquelas que envolvem dinheiro. É bastante comum amigos que participam da mesma rede engajarem-se em trocas de bens variados, como ativadores de complexos mecanismos de reciprocidade. Como as condições econômicas das pessoas são bem transparentes para todos, devido à convivência intensa e à fofoca, é normal que pessoas dêem presentes ou mesmo que os peçam em determinadas situações. Assim, uma pessoa conhecida, com problemas financeiros e que todos sabem ter ajudado várias outras no passado, está em condições de pedir ajuda sem muita vergonha. É como se houvesse uma forma de compensação, através da qual os participantes desse universo social conseguem avaliar e determinar se e o quanto uma pessoa deve ser ajudada.

Por exemplo: um músico brasileiro muito conhecido no Porto, entre outras coisas por ter ajudado muitos imigrantes que chegaram sem nenhum amparo, estava reconhecidamente em dificuldades. Todos sabiam que ele não controlava seus gastos e não estava conseguindo trabalho, apesar da busca incessante. Ora, um outro brasileiro (que chamarei de Carlos), recebeu desse músico um pedido de ajuda, na forma de bens físicos. Carlos trabalhava como vendedor de uma firma e vendia, entre outras coisas, panelas. Carlos não teve dúvidas: roubou um jogo de panelas e levou para o músico durante um churrasco em sua casa. Carlos dizia-me: “ele (o músico) já ajudou muita gente por aqui, merece ser ajudado”. Note-se que a prestação não envolve os mesmos sujeitos (não é necessariamente quem foi ajuda-

do que recompensa o prestador), mas envolve uma sensação difusa de justiça distributiva.

É como se, dada a impossibilidade de os circuitos de prestação serem fechados — já que muitas pessoas passam pelo Porto, são ajudadas e não ficam — tenha sido criada uma forma socializada de prestação. Essa forma socializada, na qual quem dá continuidade aos círculos de prestação são pessoas não envolvidas diretamente na troca “original”, mas membros da mesma “comunidade”, pareceu surgir justamente para garantir a sociabilidade. Portanto, Carlos se achava no dever de ajudar a quem já tinha ajudado tanto, dando seguimento às trocas. Ao mesmo tempo, o músico tinha consciência de sua posição privilegiada como prestador, a ponto de receber bens de outros trocadores, como se toda a relação de troca se processasse entre uma grande comunidade e todos fossem responsáveis pela seqüência dos circuitos de trocas.

Obviamente, essa forma instável de troca gera muitos atritos, divergências e insatisfações, pois é comum que o seguimento “social” das prestações muitas vezes não ocorra, gerando mágoas profundas. No decorrer da vida cotidiana, entretanto, alguns não retribuem como era de se esperar; outros chegam a ficar marcados por nunca terem ajudado ninguém, nunca devolvendo para a “comunidade” a ajuda que um dia receberam. Há também os que são vistos como bobos por terem ajudado demais etc. Mas a instabilidade do sistema implica quebras e falhas, ou seja, elas são parte da vida cotidiana e é por isso que o sistema de trocas usuais é baseado num modelo instável. Entretanto, as formas de discriminação servem como um controle sofisticado entre aqueles que se estabeleceram no Porto, pois entre estes a imagem que fazem dos outros brasileiros é fundamental, já que a relação entre os imigrantes é marcada pela importância de redes de contato, por indicações para empregos etc. Assim, um sistema de trocas instável mantém-se apesar das constantes interrupções pessoais dos processos no nível das relações individuais.

O churrasco é o momento privilegiado para dar seguimento ou interromper os circuitos de trocas; é no espaço de troca generalizada do

churrasco, um autêntico ponto nodal das relações entre os imigrantes brasileiros, que se apresentam as condições para que se façam os oferecimentos de presentes, ou que se façam os pedidos de ajuda. Os primeiros em geral são manifestações mais amplas, parte do jogo político envolvido nas relações de troca e os últimos são em geral feitos nos cantos, em tons sigilosos, embora não sejam secretos. A politização das relações de troca se dá pelo reconhecimento social da ajuda e da boa vontade, prontamente espalhados pelos fofoqueiros de plantão e, além disso, pelo fato de que podem trazer alterações nas relações de poder instituídas pelo jogo da centralidade. De certa forma, aquele que mais ajuda se aproxima do ideal no jogo da centralidade, pois se liga à sua imagem uma característica importante do “brasileiro”, que é a de ser uma pessoa de bom coração (a simpatia transformada em moral coletiva). Não há contradição entre esta imagem e aquela do imigrante egoísta e avaro, pois esta figura, constantemente usada e mencionada, é exatamente a antítese que serve como o modelo do que não deve ser o brasileiro. Ou seja, aquele que não ajuda não é tão brasileiro e perde pontos no jogo da centralidade. Não é por menos que a acusação comum de “só pensar em si mesmo” é uma agressão verbal com implicações políticas sérias.

O músico de que falei acima, por exemplo, pela fama de ter ajudado muita gente (entre outros motivos), é reconhecido como autenticamente mais brasileiro do que muitos outros. O seu papel de influência continua a ser valorizado pelo conjunto de situações que lhe conferem grande brasilidade: ele é músico e canta em bandas de axé e pagode, valoriza sua origem recifense, acentuando o valor do sol e da tropicalidade da cidade, somado ao valor da música e dos ritmos autenticamente brasileiros como o frevo. Além disso, conhece e negocia acessos a redes familiares e de amizade portuguesas. Organiza churrascos concorridos, participa das mesas de pôquer dos principais intermediários e, acima de tudo, ajudou muitos brasileiros. Todas essas características fazem do músico, apesar das dificuldades financeiras, um dos principais jogadores do jogo da centralidade. É por isso também que ajudá-lo impulsiona para o centro das representações aquele que o ajuda: é uma relação clássica de troca, na qual o

doador assume certa proeminência sobre quem recebe, roubando deste um pouco da centralidade conferida.

Por outro lado, as tensões envolvidas na relação de troca instável são outra forma de controle e reforço da ordem baseada no jogo da centralidade. Quem doa mais assume maior brasilidade e centralidade, o que move muitos, mesmo que inconscientemente, a participar do ciclo de prestações sem ter recebido nada, ou mesmo sem ter qualquer relação com quem recebe. O motor desse processo está na tão fatídica acusação de “egoísmo”, de falta de solidariedade, o que equivale a dizer que os acusados não são de fato brasileiros, pois não têm o bom coração que os caracterizaria como tal. Aqui podemos ver como o jogo da centralidade está profundamente imbricado na construção da vida cotidiana dos imigrantes brasileiros, pois ele é o eixo fundamental da continuidade dos circuitos de prestação. Ou seja, se o jogo da centralidade é uma disputa pela aproximação do centro de uma representação sobre o Brasil, então fica evidente que, se a esta imagem está ligada à “disposição para ajudar”, os mecanismos de troca envolvidos terão íntima relação com o processo político de construção de pessoas que se aproximam mais ou menos da imagem mencionada.

Até aqui analisei as trocas não-monetárias, que representam apenas uma parte do universo de troca de bens dos brasileiros no Porto. Outra grande dimensão da troca é aquela que envolve o dinheiro diretamente, os empréstimos de graus variados. Na verdade, fazem parte do circuito de prestações que analiso apenas as trocas monetárias marcadas pelas relações pessoais próximas. As trocas que se assemelham à pura agiotagem não dão seqüência a outras trocas, são relações que se encerram em si mesmas. As trocas de dinheiro entre amigos se fazem com base na amizade e seguem o mesmo caminho da “retribuição social” que marca o círculo habitual de prestações. Ou seja, indicam a generosidade e a brasilidade dos doadores, o que as faz serem alardeadas publicamente na primeira oportunidade. Assim, algumas pessoas pedem dinheiro a conhecidos, ou intercedem por amigos em pedidos a terceiros não tão amigos. Entretanto, essas relações são bem mais tensas do que as primeiras, pois envolvem somas

mais altas de dinheiro e maiores responsabilidades. Quando um empréstimo entre amigos não é pago, pode trazer problemas sérios para os doadores. Nesses casos, o desenrolar da relação de troca pode ter conseqüências mais graves.

Esses movimentos em geral envolvem outros empréstimos formais de um terceiro a bancos. Ou seja, o doador faz um empréstimo em algum banco e passa o dinheiro ao receptor, confiando que este pagará as prestações. Este é o tipo mais comum de troca monetária entre conhecidos, pois, devido à ilegalidade da maioria dos imigrantes, muitos não conseguem ter acesso ao sistema bancário. Nessas horas é preciso recorrer àqueles que têm condições legais de fazê-lo. Entende-se facilmente o risco dessas operações entre amigos. No caso do não-pagamento, o doador fica com a responsabilidade de resgatar a dívida no banco. Acontece que, com certa freqüência, o doador também não tem acesso à rede bancária e recorre a alguém próximo, em geral um português e, na maioria das vezes, o empréstimo bancário tende a ser solicitado pela esposa portuguesa de um brasileiro que repassa o dinheiro ao receptor final. Nesses casos, o não-pagamento das dívidas resulta em crises familiares.

Durante minha estadia no Porto pude acompanhar tal situação. Carlos emprestou a um empresário em dificuldades uma quantia relevante, cerca de 700 contos, que era algo em torno de sete mil reais na época. Nenhum documento de comprovação foi elaborado, como é costume entre os brasileiros. Por algum motivo, o receptor não pagou o empréstimo e se recusava discutir o assunto com Carlos. O empréstimo bancário estava em nome da esposa portuguesa de Carlos, que já estava separado na época do calote. Neste cenário, o não-pagamento da dívida resultou obviamente num grande problema pessoal. Depois de esgotadas todas as possibilidades de negociação com o receptor final do dinheiro, depois de espalhar entre os amigos o calote, de recorrer a terceiros para fazer a cobrança, Carlos partiu para atitudes mais drásticas, que também fazem parte do cotidiano dos imigrantes no Porto: a violência ou a ameaça da violência. Através de uma série de ameaças à integridade física do receptor, Carlos conseguiu reaver o montante inicial do empréstimo.

O interessante nesse processo, que chegou à situação limite, é que o receptor ameaçado recorreu a vários outros brasileiros para tentar se defender das ameaças de Carlos. Pedia a pura e simples proteção física e a interferência no processo, tentando convencer o doador a não levar adiante a ameaça de “restituição violenta”. Mas nenhum brasileiro, mesmo os mais amigos do receptor, dispôs-se a intervir no processo. Ao contrário, todos aceitavam a atitude de Carlos como justa e chegavam a uma mesma conclusão: era preciso pagar a dívida. A violência era um recurso considerado legítimo e aplicável àquele caso, configurando uma certa ética nos processos de solidariedade entre os brasileiros imigrantes no Porto.

A alternativa do receptor foi pedir empréstimo a brasileiros de seu círculo íntimo de amizade – os mesmos que justificavam e aceitavam a atitude drástica de Carlos –, para pagar a primeira dívida e transferir os problemas para o futuro. O fato é que, apesar dos problemas, o sistema de prestações continuou operando tanto numa ponta como na outra: legitimou que Carlos tenha adotado medidas extremas para reaver parte do empréstimo feito pela ex-esposa, numa espécie de sistema jurídico informal e garantiu a possibilidade de o receptor continuar a solicitar empréstimos a outros. Inevitavelmente, esse último está fadado a uma posição periférica no sistema de poder local, pois se “desvalorizou” entre os brasileiros por não dar continuidade aos sistemas de prestação e por ter colocado o doador em posição de fragilidade após o gesto de ajuda inicial.

Rituais de brasilidade: a busca do centro

Aqueles com alguma desvantagem em termos de centralidade/brasilidade, buscam construir uma legitimidade da própria posição e conseguir destaque nas redes das quais participam e entre os brasileiros, em geral através de mecanismos regulares e cotidianos que são “provas de autenticidade”. Em outras palavras, rituais em que precisam provar que são tão brasileiros quanto os outros. Os rituais em si não são fixos, nem padronizados ou constantes, embora alguns te-

nham certa regularidade. Os “rituais” dependem da situação de desvantagem relativa ao centro das representações valorizadas. Assim, um pedreiro mulato e carioca, por exemplo, tentará realçar sua carioquice sambando sempre em exagero em qualquer oportunidade e forçará seu sotaque ao limite. Esses rituais são tanto públicos quanto privados e ocorrem preferencialmente nos bares ou nos churrascos. São os momentos de convivência mais intensos e as oportunidades de se “abrasileirar” frente aos outros. Dançar, cantar as músicas, arriscar tocar um instrumento de percussão numa roda de samba de fim de churrasco, jogar bem futebol nas peladas entre amigos, todos esses mecanismos são válidos para provar a própria brasilidade.

Há rituais mais sofisticados como o de Lucas e seu vídeo de viagens. As viagens ao Brasil são vistas como formas de “recarregar as pilhas” e recarregar o próprio capital social: a exposição de um vídeo onde se gravaram as férias numa praia do nordeste pode fazer de um catarinense mais brasileiro. Antes, saibamos que são importantes para todos os brasileiros esses retornos para o Brasil como maneira de regularmente “manterem-se” brasileiros. Isso tem implicações no próprio sentimento de segurança dos imigrantes, pois, se a maioria trabalha e junta dinheiro por cerca de dois anos para passar um ou dois meses no Brasil, voltar de uma viagem dessas é sempre um drama para os que estão ilegalmente em Portugal. Há sempre o risco de ser impedido de entrar no país, e esse medo é cada vez maior, pois as leis estão cada vez mais restritivas. Por esses motivos, muitos deixam de viajar “para casa”.

É a ironia dos novos tempos globais: se as tecnologias permitem aos imigrantes que viagem com certa rapidez e a preços relativamente baixos (cerca de dois salários de um empregado de comércio), as mesmas tecnologias podem, a serviço de políticas restritivas, impedir a entrada de imigrantes. A Lei de imigração de 2001, por exemplo, regulamenta o uso de bases de dados informatizadas de toda a Europa que permitem identificar imigrantes que tiveram problemas em outros países. Oficialmente, a Lei pretende evitar a entrada de criminosos, mas nada impede que se identifique quem já teve a entrada barrada em outros países da Europa.

Com essas restrições, os imigrantes brasileiros, embora precisem e gostem de voltar regularmente ao Brasil, não o fazem por medo. Isto tem implicações nas configurações locais de poder já que, simbolicamente, a volta regular ao Brasil é um passo importante no jogo da centralidade. Para os que estão em desvantagem, dentro dos parâmetros de brasilidade aceitos, uma estratégia para abrigar-se é voltar ao Brasil, em geral trazendo as últimas novidades musicais. As dificuldades causadas pela lei mais restritiva à entrada de imigrantes provocaram uma situação de desequilíbrio entre os imigrantes: aqueles que estão em situação ilegal — em geral os que estão há menos tempo em Portugal — perdem este recurso tão valorizado simbolicamente que poderia garantir espaço e representatividade. Os intermediários, todos em situação regular, podem e sabem usufruir dessa vantagem estrutural causada pelas restrições da nova lei, viajando e acumulando um maior capital social do que os outros imigrantes. A situação de legalidade ou ilegalidade aumenta a possibilidade de aproximação desses imigrantes ao centro.

Mas voltemos à questão do vídeo de férias num dos churrascos que participei, o de aniversário de Lucas. Lembrem que ele tem desvantagens estruturais, apesar de sua situação privilegiada no mercado de trabalho por ser churrasqueiro: é catarinense, branco, não samba bem e não trabalha como músico ou jogador de futebol. A atração principal da festa era o vídeo das recentes férias no Brasil. Dos três meses que ficou no Brasil, Lucas passou duas semanas com a família no sul e o restante viajando pelo nordeste e pelo Rio de Janeiro. A viagem em si era um roteiro de brasilidade baseado numa suposta tropicalidade auto-evidente. Esse percurso de sol e praias expressava um desejo de maior legitimidade por parte de Lucas, um desejo de ser reconhecido como “autenticamente brasileiro”. Mas não bastava a viagem, era preciso mostrar aos amigos e a quem pudesse ver que ele realmente fizera a tal viagem. Foi por isso que todos viram o vídeo no churrasco por ele organizado.

Notemos que a própria relação com o Brasil passa a ser estabelecida nos termos em que se dá o jogo da centralidade no Porto. Ou seja, o sistema que envolve os brasileiros no Porto passa a ser operante na

organização mais íntima da vida dos imigrantes. As férias são organizadas em termos de estratégias de brasilidade, completamente voltadas para a vida em Portugal. A completa dimensão do que quero aqui afirmar é que a identidade-para-o-mercado ganha contornos materiais e espirituais nessas práticas que objetificam a própria relação que as pessoas têm com o Brasil, que passa a ser vista como uma forma de “carregar” as baterias da brasilidade. A relação passa a ser pragmática em função das relações de poder colocadas em Portugal. Esses imigrantes tornam-se os consumidores do “Brasil brasileiro”, percorrendo os lugares legítimos das imagens esvaziadas da identidade-para-o-mercado: as praias, o Rio de Janeiro, a Bahia etc. Eles criam um outro tipo de brasilidade, característica da própria experiência imigrante.

No vídeo, Lucas olhava para a câmera e gritava: “isto aqui é Brasil!!”. Gritava para os seus colegas em Portugal que assistiriam ao vídeo, gritava para se legitimar, como que a dizer: “estou aqui, vocês não, sou mais brasileiro que vocês”.²⁶ Essa relação com o vídeo, como discurso presente para o futuro, como um diálogo com e para desempenhar funções no futuro, em geral políticas, é algo recorrente entre os imigrantes. É comum e relativamente documentado o fato de imigrantes mandarem vídeos para os familiares, demonstrando o sucesso através da aquisição de bens de consumo (KAWAMURA, 1999; MARTES, 1999). Mas a produção de vídeos no Brasil por imigrantes para serem exibidos no país de trabalho, de imigração, inverte essa situação. Se pensarmos na construção de identidade-para-o-mercado e no jogo da centralidade, esse processo, aparentemente banal, ganha uma importante significação: os vídeos passam a fazer parte do repertório “nativo” de opções de brasilidade. Passam a compor um tipo específico de ritual que acontece em vários momentos, mas principalmente em festas de aniversário, nas quais os amigos se juntam e exibem seus dotes de autêntica brasilidade.

CONCLUSÃO

Como vimos, a influência dos “mais autenticamente brasileiros” estende-se a toda a vida social da “comunidade brasileira”, pois, tendo construído lugares de poder a partir da própria subordinação simbólica aos estereótipos portugueses, passaram a ser os referenciais num processo de construção de identidades entre os brasileiros no Porto. Como Hall (1996), acredito que as identidades são processos em construção, nunca imobilizadas e sempre sujeitas aos jogos de poder da vida cotidiana. Para Hall, o sujeito está-se tornando fragmentado, composto por várias identidades, algumas vezes contraditórias; o processo de identificação, pelo qual construímos nossas identidades culturais tornou-se provisório, variável e problemático; não há identidade fixa; ela é formada e transformada continuamente e é definida historicamente; o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos; as identidades não são unificadas em torno de um eu coerente.

A partir dessa perspectiva processualista da identidade, marcada pela percepção da importância das relações de poder na construção de identidades, podemos perceber o papel dos intermediadores brasileiros no Porto. Eles atuavam como pivôs de um processo de construção de uma identidade cultural brasileira imigrante focada na incorporação dos estereótipos portugueses. Assim, os brasileiros “micos-de-circo”, como um dos meus amigos imigrantes os descrevia, passaram a sair do universo de representação português para o cotidiano das disputas políticas entre imigrantes brasileiros. Foi possível verificar um processo de “subordinação ativa” aos estereótipos, no sentido de ser um reforço sistemático, que acabou, obviamente, por fortalecer as imagens estereotipadas a que os brasileiros estavam sujeitos em Portugal. Na minha opinião, esse processo de subordinação ativa aos estereótipos resultou na construção de um lugar subalterno dos brasileiros na cidade do Porto. Era um processo de inserção espontânea de grande parte dos imigrantes aos lugares previamente oferecidos pela sociedade portuguesa: o lugar de grandes bobos da corte. Os brasileiros eram vistos por um lado como grandes artistas, criativos, inventivos e, por outro, como vagabundos, sexualmente depravados e burros. O

lugar que cabia ao brasileiro imigrante em Portugal era o de entreter os portugueses.

É preciso ressaltar que havia – e há – uma fonte dupla de produção dos estereótipos que “viraram realidade” na experiência dos imigrantes brasileiros pobres do Porto: havia o próprio Estado brasileiro, preocupado em vender a imagem do tropical exótico e da nação mestiça – para fins de turismo e solidificação da identidade nacional –, e havia a sociedade portuguesa, que, desde o período colonial, tem constantemente reelaborado imagens sobre o Brasil. Neste trabalho deixei de lado a produção de estereótipos sobre os brasileiros fabricada pelo próprio Estado nacional e pela sociedade civil brasileira, dedicando especial atenção à segunda das fontes, a sociedade portuguesa, a fim de analisar as especificidades dos processos de exotização em Portugal. Acredito que, embora possam ser vislumbrados em outros contextos nacionais, tais processos acontecem sempre de forma diferenciada, segundo as sociedades de recepção dos imigrantes.

Este trabalho focalizou os processos cotidianos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal. O que chamo de “processos de exotização” pode ser entendido como os movimentos de exacerbação, solidificação e essencialização de estereótipos sobre o Brasil e os brasileiros. Esses movimentos foram vistos claramente na forma como os imigrantes no Porto buscavam um lugar no mercado de trabalho por meio de uma suposta característica básica de todos os brasileiros: a alegria. Eles vendiam a alegria e por meio dela posicionavam-se no mercado de trabalho. Além do lugar específico no mercado de trabalho para esta suposta mercadoria cultural, os processos de exotização tiveram conseqüências mais estruturais, pois grande parte do cotidiano dos brasileiros imigrantes de classe baixa no Porto foi construído em torno de disputas que envolviam tais imagens estereotipadas.

Vimos que o lugar preferencial de trabalho dos brasileiros era o do atendimento ao público. Este lugar tem relações íntimas com o ocupado pelo Brasil no universo simbólico português, um lugar subalterno e tributário de um pensamento marcado fortemente pelas heranças

do colonialismo. Assim, o mundo do trabalho foi responsável pelo que chamei de “subordinação ativa” aos estereótipos. Isso se deu devido ao lugar de poder conferido aos principais intermediários nesse processo de exotização. Esses intermediários passaram a ser o núcleo da construção de uma nova identidade brasileira imigrante, marcada pelo exotismo e pela subordinação às imagens de alegria, simpatia, cordialidade, hipersexualidade, pouca educação etc. O cotidiano era marcado pelo processo de exotização sistemático, que se constrói principalmente no mercado de trabalho.

A principal conseqüência do jogo da centralidade e do “centro exemplar”, ou seja, a representação estereotipada e essencializada de um Brasil tropical e alegre, refere-se ao contraste das ordens raciais. Admitindo que as hierarquias raciais portuguesas são diferentes das brasileiras, é preciso entender de que modo opera esta diferença na prática. Os brasileiros viviam num país dominado pela ideologia da mestiçagem, a idéia da democracia racial. Como DaMatta (1981) indica, o outro lado dessa ideologia é a valorização da branquitude: ou seja, a idéia da mestiçagem convive com seu duplo, a idéia de que quanto mais branco melhor. É uma hierarquia complexa, mas que num *continuum* valoriza tudo o que se refere ao ponto mais alto da escala: o ponto da branquitude. É dessa forma que um país altamente racista convive com uma ideologia da democracia racial, uma vez que “todos sabem o seu lugar”. Por outro lado, essa conjunção permite que a representação da nação incluía negros e mulatos.

O interessante é que a identidade-para-o-mercado é morena, mulata, e acaba, no devir brasileiro no Porto, suprimindo em parte o ideal de branqueamento que está por trás dela no Brasil.²⁷ Nesse contexto, um brasileiro, apesar de branco, pode ser discriminado no encontro de duas ordens raciais em Portugal. Chocam-se a ordem portuguesa marcada pela lusofonia, que é abertamente hierárquica, onde o Brasil é mestiço e tem um lugar intermediário e a ordem racial brasileira, da qual os brasileiros compartilham e que valoriza a mestiçagem na medida em que serve ao “branqueamento”, ou seja, flexibiliza as rígidas marcações raciais, mas tende sempre a valorizar o pólo branco dessa ordem. A diferença das duas ordens, embora legitimadas pela

mesma teoria (produzida por Gilberto Freyre), ocorre porque os brasileiros brancos são vistos como mestiços, sofrendo, no cotidiano com os brasileiros não-brancos, um rebaixamento de *status*. O contrário acontece com os brasileiros não-brancos, pois obtêm um *status* maior que no Brasil, e disso se aproveitam para legitimar sua posição nas disputas entre os brasileiros. Essa é uma das principais características do processo de construção de identidades de brasileiros no Porto, atravessadas pelas imagens que existem em Portugal e a forma portuguesa de pensar a hierarquia racial: a questão do branqueamento não existe em Portugal e, uma vez mestiço, sempre mestiço. No Brasil, a mestiçagem é o outro lado de uma ideologia racial do branqueamento.

O confronto entre duas ordens raciais diferenciadas é o motor da maior parte de disputas dos brasileiros entre si e entre eles e os portugueses. Ou seja, se no Brasil a ideologia da mestiçagem é uma estratégia ambígua que flexibiliza as classificações raciais e disfarça o profundo racismo, em Portugal não há ambigüidade nenhuma: a ordem racial pode ser vista como mestiça para as populações das ex-colônias, mas dentro da metrópole ou se é branco ou não. Portanto, na ordem portuguesa o brasileiro é o mestiço, abaixo do branco português e acima dos negros e africanos. O problema é que os imigrantes brasileiros brancos não se enxergam nessa ordem e não se alinham na suposta democracia racial brasileira com os mestiços e negros da própria nacionalidade. Mas os mestiços e negros brasileiros têm a possibilidade de serem “iguais” aos brancos, afastando-se dos negros africanos – os mais discriminados. Ao serem incorporados na categoria “mestiços” em Portugal, os brasileiros negros têm, por exemplo, melhores condições de trabalho que os africanos (representados como negros).

Portugal convive, portanto, com uma hierarquia racial imperial, que pressupõe uma divisão rígida entre os brancos e os outros, colocados numa escala hierárquica. Os brasileiros são vistos como mestiços e colocados numa posição intermediária, por questões que foram discutidas em outro trabalho (MACHADO, 2002). No encontro entre a identidade-para-o-mercado e o espaço no mercado de trabalho delegado aos brasileiros em Portugal o que acontece é uma reversão das hierarquias raciais entre os brasileiros. O fato é que, como o Brasil é

visto como mestiço, os brasileiros mestiços assumem uma “centralidade” maior e acabam por acumular mais capital social. No horizonte da imigração, esses brasileiros que no Brasil eram discriminados e subordinados assumem uma posição de destaque que desconheciam. Talvez seja esse o fator que impulsiona o jogo da centralidade, a articulação de um lugar de poder inusitado para os que se encaixam melhor nos estereótipos sobre os brasileiros. Lembremos que parte dos principais intermediários são mestiços, preocupados em reforçar a idéia da mestiçagem, agora como realidade e não mais como ideologia. Por outro lado, resulta desse processo a própria essencialização radical de uma identidade brasileira que, na prática, passa a existir no cotidiano desses imigrantes.

Procurei ilustrar o quanto o funcionamento do jogo da centralidade é *estruturante* da vida social desses trabalhadores. O jogo da centralidade baseia-se numa representação ideal e esvaziada da identidade brasileira, que chamo de identidade-para-o-mercado. Esta pode ser resumida em algumas características que definiriam a “essência do brasileiro”: alegria, malemolência, bondade e camaradagem, tudo isso permeado por uma alta dose de hipersexualidade. O jogo é o mecanismo de aproximação deste ideal de brasilidade, pelo qual os brasileiros se medem e comparam. Quanto mais “centralidade”, isto é, quanto mais próximos da imagem ideal, mais influência e poder naquele universo.

Vimos que o jogo da centralidade é disputado de várias maneiras: pela valorização de origens regionais ou de algumas atividades, tais como o futebol, a música, a capoeira etc., pela negociação do acesso às redes familiares portuguesas e às oportunidades de emprego. Vimos também que um dos mecanismos do jogo é a articulação de uma memória mítica que legitima os principais intermediários brasileiros. Desnecessário lembrar que o jogo é levado às últimas conseqüências entre os principais intermediários dessa “comunidade”. Por outro lado, demonstrei de que forma o jogo da centralidade é o centro nevrálgico dos circuitos de reciprocidade entre os imigrantes, funcionando como um código moral que dá sustentabilidade ao sistema e, ao mesmo tempo, como instrumento político das lutas entre os *brazucas*.

O que este processo demonstra é o quanto o momento atual é marcado por movimentos de essencialização da identidade, quando os símbolos e representações desconexos de um discurso nacional – ou das representações da ex-metrópole – tornam-se o norte e o nexo da vida de pessoas em variados contextos. Um dos mecanismos de reforço da identidade-para-o-mercado é justamente o espaço hierarquizado do mercado de trabalho, no caso da migração. O exemplo dos brasileiros no Porto indica como determinadas pressuposições simbólicas impõem comportamentos a sujeitos como resultado de processos complexos de exotização, dos quais os sujeitos são ao mesmo tempo vítimas e agentes de uma “subordinação ativa”.

Essa participação ativa nos processos de subordinação acaba por reforçar a discriminação a que são submetidos indivíduos em situação desprivilegiada. A desigualdade reproduz-se a partir da própria construção da identidade dos sujeitos discriminados. Mas o processo é mais complexo ainda, pois esta subordinação ativa tem relações íntimas com “situações anteriores” de desigualdade. No caso analisado, o papel de mulatos e negros brasileiros no reforço de um lugar subalterno em relação à sociedade portuguesa significava, simultaneamente, uma projeção social entre os brasileiros, ou seja, significava um “empoderamento”. A questão é que as hierarquias raciais brasileiras opressoras (para essa população mestiça e negra) marcaram demais a experiência desses brasileiros, a ponto de a possibilidade de reversão no cenário da imigração ser uma opção mais digna, apesar do evidente efeito de subordinação dos brasileiros como um todo. Alguns tipos de subordinação podem ser o veículo de alguma melhoria na vida de alguns sujeitos, por mais contraditório que pareça o argumento. Essa dimensão da vida contemporânea certamente complica a análise de situações de desigualdade e discriminação. Procurei aqui indicar algumas dimensões dessa complexidade a partir de um exemplo concreto e imagino que as questões colocadas não se limitam ao caso dos brasileiros em Portugal, na cidade do Porto.

REFERÊNCIAS

BAGANHA, I.; PEIXOTO, J. O estudo das migrações nacionais. In: FERREIRA, J. M. et. al. (Org.) *Entre a economia e a sociologia*. Oeiras: Celta, 1996. p. 233-239.

BAGANHA, M. I. A cada sul o seu norte: dinâmicas migratórias em Portugal. In: SANTOS, Boaventura de S. (Org.). *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Afrontamento, 2001. p. 135-159.

_____. Migrações e mercado de trabalho: os novos desafios. Trabalho apresentado à Conferência A Europa: o desafio demográfico e o espaço de liberdade, segurança e justiça, Centro Cultural de Belém, 18 out. 2002. Disponível em: <<http://www.acime.gov.br>> Acesso em: 15 jan. 2003.

BAGANHA, M. I.; GOIS, P. Migrações internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, [S.l.], n. 52/53, nov. 1998/ fev.1999.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987. p. 159-195.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: [s.n.], 1998.

CANIELLO, Márcio. Patronagem e rivalidade. *RBCS*, [S.l.], n. 14, out. 1990.

CARVALHO, José Murilo de. Estudos de poder local no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, [S.l.], v. 25/26, jul. 1968 / jan. 1969.

D'ADESKY, Jacques. Racismos e anti-racismos no Brasil. *Estudos Afro-Asiático*, [S.l.], n. 33, p. 71-87, set. 1998.

D'ALMEIDA, André Corrêa. *Estudo do impacto da imigração em Portugal nas contas do Estado*. Versão para discussão. Lisboa: [s.n.], 2002. Disponível em: <<http://www.acime.gov.pt>> Acesso em: 13 jan. 2003.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DAMATTA, Roberto. Digressão: a fábula das três raças. In: _____. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981. p. 58-85.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Porto: Afrontamento, 1977.

FELDMAN-BIANCO, Bela. A (re)construção da nação portuguesa e a transnacionalização de famílias. *Cadernos CERU= Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, São Paulo, Série 2, v. 6, p. 89-104, 1995b.

_____. A saudade portuguesa na América: artefatos visuais, histórias orais e a tradução de culturas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, Ano 1, n. 2, p. 59-68, 1995a. Volume temático sobre Antropologia Visual, publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS.

_____. Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: constructions of sameness and difference. *Identities Global Studies in Culture and Power*, [S.l.], v. 8, n. 4, p. 607-650, 2001b.

_____. Colonialism as a continuing project: the Portuguese experience. *Identities Global Studies in Culture and Power*, [S.l.], v. 8, n. 4, p. 607-650, 2001a.

_____. Entre a fortaleza da Europa e os laços afetivos da “irmãdade” luso-brasileira: um drama familiar em um ato só. In: _____. BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, M. V. (Coord.). *Trânsitos coloniais: diálogos cruzados luso-brasileiros*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002. p. 385-415.

_____. Entre a saudade da terra e a América: memória cultural, trajetórias de vida e (re)construções de identidade feminina na intersecção de culturas (em co-autoria com D. Huse). *Ler História*, Lisboa, n. 27/28, p. 45-73, 1995c.

_____. Imigrantes portugueses, imigrantes brasileiros. Globalização, antigos imaginários e (re) construções de identidade (uma comparação triangular). In: _____. *Projeto integrado: identidades: reconfigurações de cultura e política*. Campinas: UNICAMP, 1996.

Estudos de migrações transnacionais de população, signos e capitais.
Enviado ao Pronex.

_____. *The Petty Supporters of a Stratified Order: The Economic Entrepreneurs of Matriz, São Paulo, Brazil (1887-1974)*. Nova York: Columbia University, 1981.

_____. The state, saudade and the dialectics of deterritorialization and reterritorialization. Paper Wenner-Green Foundation for Anthropological Research: Mijas, 1994.

_____. BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, M. V. (Coord.). *Trânsitos coloniais: diálogos cruzados luso-brasileiros*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

_____. HUSE, Donna. *Entre a saudade da terra e a América: memória cultural, trajetórias de vida e (re)construções de identidade feminina na intersecção de culturas*, 1993. Mimeografado.

_____. Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity, and nationalism among portuguese immigrants. In: GLICK SHILLER; BASCH, L.; BLANC-SZANTON (Org.). *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered*. New York: [s.n.], 1992. p. 145-174.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus: EdUSP, 1965. v. 1

FOX, Richard. East of Said. In: SPRINKER, Michael. *Edward said a critical reader*. Cambridge: Blackwell, 1992.

FOX, Richard. Introduction. In: _____. Nationalist ideologies and the production of national cultures. *American Ethnological Society Monograf Series*, [S.l.], n. 2, 1990.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

_____. *O luso e o trópico: sugestões em torno dos métodos portugueses de integração de povos autóctnes e de culturas diferentes da*

européia num complexo novo de civilização: o luso-tropical. Lisboa: Neogramer, 1961.

FRY, Peter. O que a cinderela negra tem a dizer sobre a “política” racial no Brasil. *Revista Usp*, [São Paulo], v. 23, p. 122-135, 1995/1996.

_____. Politicamente correto em um lugar, incorreto em outro? (Relações raciais no Brasil, nos Estados Unidos, em Moçambique e em Zimbábue). *Estudos Afro-Asiáticos*, [S.l.], v. 21, p. 167-177, 1991.

GEERTZ, Clifford. *Negara, o Estado teatro no século XIX*. Lisboa: DIFEL, 1980.

GILLIAN, Ângela. Globalização, identidade e os ataques à igualdade nos Estados Unidos: esboço de uma perspectiva para o Brasil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, [S.l.], v. 48, p. 67-103, jun. 1997.

_____. GILLIAN, Onik’a. Negociando a subjetividade de mulata no Brasil. *Estudos Feministas*, [S.l.], v. 2, p. 525-543, 1995.

GRASFOGEL, Ramon; CHLOE, Georas. Coloniality of power and racial dynamics: notes towards a reinterpretation of latino caribbeans in New York city. *Identities*, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 85-125, 2000.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. ‘Raça’, racismo e grupos de cor no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, [S.l.], n. 27, p. 45-63, dez. 1996.

HALL, Stuart. Identidade cultural na diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, [S.l.], n. 24, 1996.

HANCHARD, Michael. “Americanos” brasileiros e a cor da espécie humana: uma resposta a Peter Fry. *Revista Usp*, [S.l.], v. 31, p. 164-175, 1996.

_____. Cinderela negra?: raça e esfera pública no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, [S.l.], n. 30, p. 41-59, dez. 1996.

HASENBALG, Carlos A. Discursos sobre raça: pequena crônica de 1988. *Estudos Afro-Asiáticos*, [S.l.], n. 20, p. 187-195, jun. 1991.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HERZFELD, Michael. *Cultural intimacy: social poetics in the nation-state*. Nova York: Routledge, 1997

HUYSSSEN, Andreas. Mapeando o pós-moderno. In: _____. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 7-80.

JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

MACHADO, Fernando Luís. Contornos e especificidades da imigração em Portugal. *Sociologia: problemas e práticas*, [S.l.], n. 24, p. 9-44, 1997.

MACHADO, Igor José de Renó. *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. 2003. Tese (Doutorado)-Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

MANSUR SILVA, Douglas. *Memórias e itinerários de Pereira: narrativas contextuais de um imigrante português anti-salazarista e anticolonialista*. 1998. Trabalho de Conclusão de Curso-Universidade Federal de Campinas, Campinas, 1998.

MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil: an ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. New Jersey: Princeton University Press, 1994. Edição brasileira: *Little Brazil – imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papirus, 1994.

MARTES, Ana Cristina Braga. Os imigrantes brasileiros e as igrejas de Massachusetts. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (Org.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 87-122, 1999.

MARX, Anthony. A construção da raça e o Estado-Nação. *Estudos Afro-Asiáticos*, [S.l.], n. 29, p. 9-36, mar. 1996.

MAUSS, Marcel; DURKHEIM, Emile. De ciertas formas primitivas de clasificación. In: _____. *Institucion y culto, representaciones*

colectivas y diversidad de civilizaciones. Obras II. Barcelona: Barral, 1971.

MAYER, Adrian. A importância dos “quase-grupos” no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas.* São Paulo: Global, 1987.

MCCLINTOCK, Anne et al. (Org.). *Dangerous Liaisons: gender, nation and postcolonial perspectives.* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997

MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather.* London: Routledge, 1995.

NUNES LEAL, V. *Coronelismo, enxada e voto.* São Paulo: Alfa e Ômega, 1976.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaios sobre a tristeza brasileira.* São Paulo: D.P.C., 1929.

RAMOS, Jair Souza. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. In: MAIO, C. M.; SANTOS, R. V. (Org.). *Raça, ciência e sociedade.* Rio de Janeiro: FIOCRUZ: CCBB, [1996]. p. 59-84.

RIBEIRO, Fernando Rosa. Ideologia nacional, antropologia e a “questão racial”. *Estudos Afro-asiáticos*, [S.l.], n. 31, p. 79-89, out. 1997.

_____. O que é ser negro afinal de contas? *Estudos Afro-Asiáticos*, [S.l.], n. 27, p. 203-211, abr. 1995.

SAID, Edward. *Orientalismo.* São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa.* São Paulo: Cortez, 1999.

SANSONE, Lívio. O olhar forasteiro: seduções e ambigüidades das relações raciais no Brasil In: BACELAR, J.; CAROSO, C. *Brasil,*

um país de negros? Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 1999. p. 17-26.

SANTOS, Gustavo. *Sabiá em Portugal: a imaginação da nação na diáspora*. 1996. Trabalho de Conclusão de Curso-Universidade de Campinas, Campinas, 1996

SILVA, Nelson do Valle. Uma nota sobre 'raça social' no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, [S.l.], n. 26, p. 67-80, set. 1994.

SILVERMAN, Sydel. Patronage and Community-Nation relationships in Central Italy. In: SCHMIDT, S. W. et al. (Ed.). *Friends, followers, and factions: a reader in political clientelism*. Berkeley: University of California Press, 1977.

STOLER, Ann Laura. Making empire respectable: the politics of race and sexual morality in twentieth-century. In: MCCLINTOCK, Anne et al. (Org.). *Dangerous liaisons: gender, nation and postcolonial perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

THOMAZ, Omar Ribeiro. *Ecos do Atlântico Sul: representações sobre o terceiro império português*. 1997. Tese (Doutorado)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

VAN VELSEN, J. A Análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELMAN-BIANCO (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987. p. 345-374.

VINCENT, Joan. A sociedade agrária como fluxo organizado: processos de desenvolvimento passados e presentes. In: FELDMAN-BIANCO. *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987. p. 375-398.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Etnologia brasileira. In: MICELI, S. (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Ed. Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999. p. 109-223.

WADE, Peter. *Gente negra, nacion mestiza*. Bogotá: Siglo del Hombre, 1996.

YONG, Robert. *Colonial desire: hybridity in theory, culture and race*. London: Routledge, 1995.

Notas

- ¹ MACHADO, 2003.
- ² Destaque do INE, 18 de abril de 2000. Resultados provisórios. População brasileira residente em Portugal em 1999. Dia da comunidade Luso-Brasileira – 22 de abril.
- ³ A “nova” lei de imigração de 2001 permitiu a legalização de um grande número de imigrantes que se encontravam na ilegalidade. Isso se deu através de uma nova figura jurídica, a “autorização de permanência”. Essa autorização de permanência (AP) concede o direito de ficar em Portugal apenas por um tempo máximo de cinco anos, com renovações sucessivas a cada ano. Para que a AP seja concedida a cada pedido, é necessária a apresentação de um contrato de trabalho. AAP é diferente da autorização de residência (AR), que permite ao imigrante morar por tempo indeterminado em Portugal, desde que ela seja renovada de tempos em tempos (sem a exigência de contratos de trabalho). A expressão “nova lei” vem entre aspas porque alterações têm sido feitas desde 2001, tornando a “nova lei” de 2001 já defasada.
- ⁴ Deve-se somar aos legalizados em 2001 os já legalizados anteriormente, o que devolve o segundo lugar ao Porto. Considera-se que os imigrantes em Setúbal fazem parte da área metropolitana de Lisboa.
- ⁵ Dados em Machado (2003, p. 303).
- ⁶ Dados em Machado (2003, p. 308).
- ⁷ Ver Machado (1997) e Baganha e Góis (1998, 1999).
- ⁸ Sobre os dados a respeito da imigração em Portugal, Baganha e Góis afirmam que [...] sabemos extremamente pouco sobre os imigrantes em Portugal, porque a única fonte disponível com consistência interna apresenta sérias limitações, dado que o número de características dos imigrantes tratadas e divulgadas pelo MAI-SEF é muito restrito e a sua divulgação sistemática com alguma profundidade só se inicia em 1990” (BAGANHA; GÓIS, 1998, 1999, p. 262). Portanto, continuam os autores: “O que sabemos refere-se sobretudo ao fluxo legal, pelo que é conveniente salvaguardar a hipótese de as características conhecidas serem uma pobre e, muito provavelmente errônea representação do fluxo migratório global. Quer os estudos sobre a componente ilegal do fluxo migratório português noutros períodos históricos (BAGANHA, 1990), quer a informação disponível sobre as partidas ilegais para a Europa depois da II Guerra mundial, mostram que o fluxo clandestino é substancialmente diferente do fluxo ilegal” (BAGANHA; GÓIS, 1998, 1999, p. 250).
- ⁹ Segundo o relatório conjunto do ACIME (Alto Comissariado para Imigração

e Minorias Étnicas), IGT (Instituto Geral do Trabalho) e SEF sobre o processo de concessão de autorizações de permanência, retirado do site do IGT em junho de 2002.

- 10 Os números são os códigos oficiais do INE (Instituto Nacional de Estatística português) para os grupos de atividade econômica. As categorias que nos interessam estão discriminadas no texto.
- 11 A discriminação completa das categorias pode ser encontrada em Machado (2003, p. 309-318).
- 12 O número total de brasileiros legalizados em 2001 corresponde aos 22.411 de imigrantes com autorização de residência em 2000, mais os 22.558 brasileiros com autorização de permanência em 2001 e os brasileiros que conseguiram a autorização de residência em 2000 e parte de 2001. A conta perfaz o total de 47.254 imigrantes legais em Portugal em 2001. Mas lembremos que os dados que utilizei eram provisórios tanto no que se refere às autorizações de permanência como autorizações de residência concedidas. Dados do SEF, presentes em D'Almeida (2002, p. 16) (apenas para o total de legalizados).
- 13 Conferir o trabalho de Thomaz (1997).
- 14 Sobre a produção dos discursos colonialistas, ver, entre outros, McClintock (1995, 1997), Stoler (1997) e Young (1995).
- 15 Uma discussão sobre a origem e desenvolvimento dessas representações por parte da sociedade portuguesa é realizada em Machado (2003).
- 16 Na tese de doutorado (MACHADO, 2003) demonstro que não é apenas o controle do mercado de trabalho que proporciona mais prestígio e poder, mas que esta é uma das dimensões mais relevantes.
- 17 A idéia de identidade-para-o-mercado é analisada em Machado, 2003. Neste trabalho desenvolvo a idéia de identidade-para-o-mercado a partir da reflexão de Jameson sobre a "crise de historicidade" no capitalismo tardio. Para esse autor, o pós-modernismo deve ser visto como "a dominante cultural da lógica do capitalismo tardio" (JAMESON, 1996, p. 72) e os "seguintes elementos (são) constitutivos do pós-moderno: uma nova falta de profundidade, que se vê prolongando tanto na 'teoria' contemporânea quanto em toda essa cultura da imagem e simulacro; um conseqüente enfraquecimento da historicidade tanto em nossas relações com a história pública quanto em nossas formas de temporalidade privada [...]". (JAMESON, 1996, p. 32). A principal característica desse ambiente pós-moderno seria "um novo tipo de achatamento ou de falta de profundidade, um novo tipo de superficialidade no sentido mais literal, o que é talvez a mais importante característica formal de todos os pós-modernismos" (JAMESON, 1996, p. 35). Por outro lado, o "simulacro, ou pastiche do passado estereotípico, empresta à realidade presente, e à abertura da história presente, o encanto e a distância de uma miragem reluzente. Entretanto, essa mesma modalidade estética hipnótica emerge como a elaboração de um sintoma do esmaecimento de nossa historicidade, da possibilidade vivenciada de experimentar a história ativamente" (JAMESON, 1996, p. 48). Inevitavelmente vista como perda,

estamos condenados a não mais representar a profundidade histórica moderna, mas apenas a conviver com simulacros da história real, imagens banalizadas. Assim, vivemos uma “forma cultural de vício da imagem que, ao transformar o passado em uma miragem visual, em estereótipos, ou textos, abole, efetivamente, qualquer sentido prático do futuro e de um projeto coletivo [...]” (JAMESON, 1996, p. 72-73). Este é o raciocínio básico, que chamei de “crise de historicidade”, para relacioná-lo a uma semelhante crise da identidade na pós-modernidade. Ligo a crise de historicidade à produção de culturas objetivadas no capitalismo tardio. O “pastiche” de história característico do capitalismo tardio pode ser relacionado ao “pastiche” da identidade, que se torna cada vez mais solidificada, essencializada e objetivada, sem história própria, reduzida a imagens de fácil consumo numa indústria cultural pós-moderna. Essas identidades são formadas e construídas em processos semelhantes àqueles do simulacro da percepção da historicidade, através da qual pedaços desconectados e imagens recortadas de um passado nostálgico são montadas como material espiritual para essas mesmas identidades (pedaços que são, da mesma forma, imagens vazias do passado, desprovidas de profundidade histórica). Jameson afirma que “(t)eorias da diferença têm, no entanto, procurado enfatizar a disjunção até o ponto em que os materiais do texto, inclusive as palavras e sentenças, tendem a se desintegrar em uma passividade inerte e aleatória, em um conjunto de elementos que se apartam uns dos outros” (JAMESON, 1996, p. 57). Nesse sentido, o da solidificação de imagens da identidade, posso estender a crítica das teorias da diferença à identidade pós-moderna, estabelecendo, assim, a ponte entre a análise da crise da identidade à crise da historicidade, ambas como parte do mesmo processo, chamado por Jameson de “dominante da lógica cultural do capitalismo tardio”. A identidade resultante desse processo é o que chamo de identidade-para-o-mercado.

- ¹⁸ Sobre intermediários – brokers –, ver principalmente a bibliografia sobre coronelismo e poder local, que analisa o papel desses personagens na construção de relações de poder. Ver, entre outros, Feldman-Bianco (1981), Silverman (1977), Caniello (1999), Murilo de Carvalho (1968, 1969) e Nunes Leal (1976). Ver, também, a análise sobre imigrantes em lugares específicos de mediação como “intermediários culturais” (FELDMAN-BIANCO, 1993, 1995a, 1995b, 1995c), forma que adoto nesse trabalho.
- ¹⁹ Ao contrário de exemplos de brasileiros nos EUA narrados por Margolis (1994), Sales (1999) e, principalmente, Martes (1999), não há a possibilidade de venda de emprego, pois isso contrariaria o jogo da centralidade, pois configuraria uma relação de exploração das posições de poder, desvalorizando o reconhecimento e a centralidade.
- ²⁰ Note-se que a brasilidade “legítima” ligada ao nordeste está relacionada à capacidade hegemônica de representação da brasilidade pela Bahia, como que numa extensão concedida desta influência. Mas essa centralidade do nordeste restringe-se às grandes capitais litorâneas, como Recife, Natal e, obviamente, Salvador. O interior nordestino, na escala de valores de brasileiros no Porto, é desvalorizado.

- ²¹ Retornarei a esta questão na conclusão. Para mais detalhes, ver Machado (2003, Cap. 6).
- ²² Essas categorias genéricas são aqui utilizadas tal como os brasileiros o fazem, sem avaliar as distinções que existem entre esses grandes grupos.
- ²³ Cf. Machado (2003, Cap. 2).
- ²⁴ As redes com as quais tive mais contato eram formadas por uma maioria de homens brasileiros. Havia poucas mulheres brasileiras nessas redes. A maior parte das mulheres brasileiras que freqüentavam os mesmos bares em que a maior parte da pesquisa foi realizada eram prostitutas, e apenas poucas delas participavam das redes. Nessas redes, há, em menor proporção, imigrantes brasileiras que não são prostitutas.
- ²⁵ Destaco que trato da relação entre homens e mulheres e não de relações homossexuais. Estas últimas não foram objeto de análise e certamente mereceriam um estudo à parte.
- ²⁶ Certamente esta é uma interpretação minha da situação, pela qual assumo a responsabilidade.
- ²⁷ Ver sobre a idéia do branqueamento como o outro lado da ideologia da mestiçagem, DaMatta (1987), Ribeiro (1997), Wade (1996), Gillian (1997), Gillian, A. e Gillian, O. (1995), Guimarães (1996), Fry (1991, 1995, 1996), Hanchard (1996a, 1996b), Hasenbalg (1979, 1991), Marx (1996), Sansone (1999), Silva (1994).